

COMEÇA O VESTIBULAR 2005

Especialistas orientam os candidatos sobre a melhor maneira de enfrentar as provas - PÁGINAS 4 e 5

FOTO DIVULGAÇÃO EQUIPE CIENTÍFICA

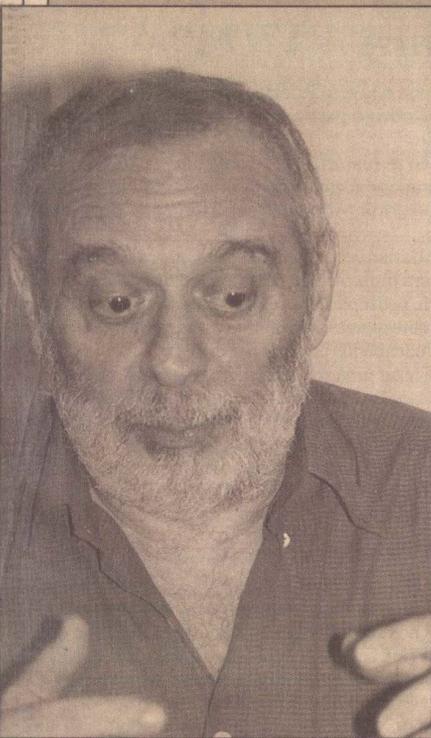
Professor da UFRGS é o primeiro brasileiro a chegar ao Pólo Sul por via terrestre

Jefferson Cardia Simões, do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas do Departamento de Geografia, conta como foi a travessia de 1.140 km, feita em 16 dias, até o Pólo Sul, integrando a equipe científica chileno-brasileira. O professor Francisco Eliseu Aquino participou do projeto monitorando a equipe na base Patriot Hills.

PÁGINA 3



ENTREVISTA



Mário Novello, o físico que contestou o Big Bang

Ele veio montar protocolo de intenção, fazer palestra e lançar seu livro mais recente

PÁGINA CENTRAL

Pesquisadores avaliam Lei de Inovação

PÁGINA 10

Fórum Social Mundial volta para Porto Alegre com muitas novidades

PÁGINA 8

Mais prêmios para alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PÁGINA 10

Equipe da Universidade selecionada para o Projeto Rondon 2005

ALBERTO JORGE WOELFERT



Projeto, iniciado na década de 60, está sendo retomado PÁGINA 9

Fauna do Parque Itapuã será mostrada em livro

PÁGINA 9

Bugios, borboletas e insetos pouco conhecidos fazem parte da biodiversidade do Parque, localizado entre o Lago Guaíba e a Laguna dos Patos

ADRIANO BECKER



OPINIÃO

ESPAÇO DA REITORIA

Tradição e história
voltadas para o futuro

● JOSÉ CARLOS FERRAZ HENNEMANN

Reitor

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul chega aos 70 anos com inúmeros motivos para comemorar. Ao longo de sua trajetória, atingimos um patamar de qualidade só obtido pelas grandes universidades. Seu reconhecimento nacional e internacional reflete-se através da excelência no ensino oferecido desde os níveis fundamental, médio, técnico, de graduação até a pós-graduação, além da forte inserção social da pesquisa e da extensão. Nestas sete décadas de existência implantamos cursos em todas as áreas do conhecimento e este feito nos torna ainda mais fortes.

Através das atividades de pesquisa, nossa posição se consolida cada vez mais. A seriedade na aplicação de recursos, a qualificação de projetos aqui desenvolvidos e a dedicação de nossos docentes e alunos nos conferem um papel de destaque em todo o País. O reconhecimento desse trabalho manifesta-se através de constantes premiações obtidas por nossos acadêmicos tanto no Brasil como no exterior.

Comemorar 70 anos diante deste cenário é motivo de orgulho para nós. Enfrentamos muitas dificuldades ao longo do tempo, é bem verdade, mas nossas conquistas mostram que estamos mantendo e reforçando a nossa missão, a qual tem por finalidade precípua a

educação superior e a produção do conhecimento filosófico, científico, artístico e tecnológico, integradas no ensino, na pesquisa e na extensão. Vivemos atualmente um momento de debates em torno do projeto de reforma universitária, proposto pelo Ministério da Educação. Temos consciência de nosso importante papel na discussão das propostas ora em debate, sempre com a convicção de que o desenvolvimento brasileiro tem por base a Educação, e que a Universidade Pública, gratuita e academicamente qualificada é necessariamente integrante de um projeto de nação democrática e socialmente mais justa.

Este universo de tradição e história, voltado sempre para o futuro, é a realidade que milhares de candidatos ao vestibular 2005 vão encontrar na UFRGS. Infelizmente, nem todos conseguirão ingressar nesta primeira tentativa. Mas vale a pena tentar outras vezes, pois fazer parte da comunidade acadêmica da UFRGS é ter a certeza de estar estudando em uma das maiores e melhores universidades brasileiras. Desejamos muita sorte a todos os jovens que enfrentarão esta acirrada disputa por uma vaga. Aos aprovados neste vestibular, esperamos que aproveitem tudo o que esta Universidade lhes oferece e que possam iniciar aqui uma vida de muito sucesso.



UFRGS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, Porto Alegre/RS
CEP 90.046-900
Fone: +51 3316-7000
Fax: +51 3316-3176
homepage internet: www.ufrgs.br

ADMINISTRAÇÃO

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca

Pró-reitor de Coordenação Acadêmica
Pedro Cezar Dutra Fonseca

Pró-reitor de Graduação
Carlos Alexandre Netto

Pró-reitora de Pós-graduação
Valquíria Linck Bassani

Pró-reitor de Pesquisa
Cesar Augusto Zen Vasconcelos

Pró-reitor de Extensão
Antonio Carlos Stringhini Guimarães

Pró-reitora de Planejamento e Administração
Maria Aparecida Grendene de Souza

Pró-reitora de Recursos Humanos
Maria Adélia Pinhal de Carlos

Superintendente de Infra-estrutura
Darci Barnech Campani

Secretário de Assuntos Estudantis
Angelo Ronaldo Pereira da Silva

Secretária de Avaliação Institucional
Ana Maria e Souza Braga

Secretário de Educação a Distância
Julio Alberto Nitzke

Secretária de Desenvolvimento Tecnológico
Maria Alice Lahorgue

Secretário do Patrimônio Histórico
Christoph Bernasiuk

Secretário de Relações Institucionais e Internacionais
Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

Coordenador de Educação Básica e Profissional
Aldo Antonello Rosito

Procurador-geral
Armando Pitrez

Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello

Jornal da
Universidade

Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS

Conselho Editorial - Aron Taitelbaum,
Eduardo Corsetti, Enno Liedke e Maria da
Graça Bulhões

REDAÇÃO

Av. Paulo Gama, 110 - 8º andar
Fone/fax: (051) 3316-3368/3316-3176
e-mail: jornal@ufrgs.br
homepage: <http://www.ufrgs.br/jornal>

Editor-chefe - Clóvis Ott

Editor-executivo - Ademar Vargas de
Freitas

Editora-assistente - Ânia Chala

Secretária de Redação - Sandra Salgado

Repórteres - Jacira Cabral da Silveira,
Clarice Siedler e Sonia Torres

Projeto gráfico e editoração eletrônica -
Anibal Bendati

Homepage - Marcelo da Silveira

Fotografia - Luiz Ricardo de Andrade e
Reni Jardim

Revisão - Israel Pedroso

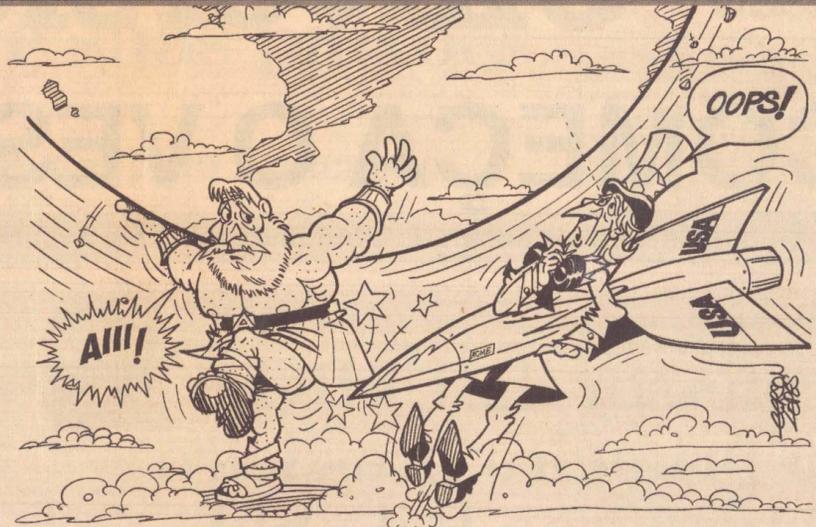
Colaboraram nesta edição - Bruno
Almeida Ziliotto, Diza Gonzaga, Édina
Rocha, Gerson Lopes, Juliano Bruni
Pereira, Nilton Rodrigues Paim, Paulo
Gilberto Fagundes Visentini e Rejane
Salvi

Circulação - DSB Distribuidora Ltda

Fotolitos e impressão - Zero Hora

CHARGE

GERSON LOPES



O Vestibular da UFRGS

● Professor NILTON RODRIGUES PAIM
Presidente da Coperse

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem evoluindo no que concerne ao processo de seleção de seus alunos; até a década de 60, o processo seletivo para acesso ao curso superior era realizado de forma isolada, por escola, faculdade ou instituto, passando em 1972 a um sistema de vestibular unificado. A partir desse modelo, foram aperfeiçoados, ano a ano, os procedimentos metodológicos e operacionais visando à igualdade de condições aos candidatos que se preparam e se habilitam aos cursos da Universidade.

Na proposta atual, entende-se que as diferenças existentes na vida de cada um devem ser resolvidas em momentos oportunos, não criando mecanismos que possam conduzir a critérios diferenciados para acesso ao curso superior.

A UFRGS investe sistematicamente na melhoria do processo de seleção que realiza, adotando princípios para elaboração das provas, compatibilizando os conteúdos focalizados com as diretrizes estabelecidas para a formação básica, conforme o disposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de disponibilizar à sociedade os instrumentos e critérios que adota.

Da mesma forma, mantém um período tradicional de realização das provas, compatível com a disponibilidade de espaços adequados, que são locados pela Universidade, em Porto Alegre, para aplicação do Concurso, o que só se torna possível após a conclusão do ano letivo nas escolas de Ensino Médio. Ao lado disso, é importante para a tranquilidade dos candidatos ao Concurso que a agitação normal de final de ano já tenha passado. Há o entendimento de que aqueles que pretendem uma vaga, numa universidade pública com reconhecida qualificação, devem priorizar este momento em que se realiza o processo seletivo.

Prepare-se também para a VIDA

● DIZA GONZAGA
Presidente da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga

A escolha profissional é uma das decisões mais importantes da nossa vida. Acompanho isso há quase trinta anos, quando conheci o Régis, que na época era professor do Curso Pré-vestibular Franklin Delano Roosevelt, da Faculdade de Filosofia da UFRGS. Ele professor, eu aluna, me preparava para o vestibular de Arquitetura. Anos depois, nos casamos e construímos uma família. Ele continua professor até hoje, eu exerci a Arquitetura até o dia 20 de maio de 1995, quando recolhi meu filho Thiago do asfalto. Desde lá, tenho dedicado minha vida para que outros pais não tenham que passar pelo que passei: ver sonhos e projetos interrompidos nas ruas e avenidas brasileiras.

Meu filho Thiago estava preparando-se para o vestibular, era aluno do pai (Régis) no cursinho. Ele, assim como milhares de jovens, tentava uma vaga na UFRGS.

Lembro, como se fosse hoje, que sua primeira escolha era Medicina, só que após alguns dias de cursinho ele chegou em casa e falou: "Não vou mais fazer Medicina, aqueles caras parecem uns zumbis, com olheiras, e só estudam o tempo todo. Vou fazer Direito e tentar a carreira de juiz". E assim são muitos jovens.

A Carolina, minha filha, pensava fazer Psicologia, e agora está feliz prestes a se formar em Administração. Na verdade, sempre achei que a escolha de uma profissão é uma decisão muito séria para ser tomada aos 16 e 17 anos de idade.

Não sei se o Thiago teria cursado Direito, sequer sei se ele conseguiria passar no vestibular, pois na madrugada fria do dia 20 de maio de 1995 ele embarcou em uma carona sem volta.

O vestibular era uma grande preocupação, tanto que, mexendo em suas coisas, encontrei um texto escrito por ele, em que falava sobre "o caminho a seguir", suas preocupações com o vestibular e a carreira.

O Thiago tinha completado 18 anos, uma semana antes do acidente, estava vivendo este período no qual temos que tomar decisões que vamos levar para o resto da vida. Junto com o vestibular, estava se preparando para tirar a Carteira de Motorista. Já tínhamos até enviado a Gurgel, que era um carro da família, para a reforma, a fim de presentear-lo com ele. O carro não tinha muita potência. Como pais, nos preocupávamos com sua segurança. A Gurgel serve hoje de cenário para o Projeto "Contadores de Histórias" desenvolvido para educar crianças em idade pré-escolar e foi doado à Fundação Thiago de Moraes Gonzaga.

Junto com a decisão de escolher uma profissão, vem a primeira Carteira de Motorista, o primeiro carro, muitas vezes presenteado pelos pais como recompensa pelo sucesso no vestibular, vêm muitas decisões importantes a tomar.

Thiago não estava sozinho no acidente. Na carona

ao longo dos anos, a procura pelos cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da FFCMPA (Fundação Federal Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre) tem mantido, em média, mais de 10 candidatos por vaga ofertada, alcançando nos cursos mais concorridos em torno de 30 candidatos por vaga. Portanto, o refinamento sistemático feito através da Coperse (Comissão Permanente de Seleção), setor responsável pela realização do Concurso Vestibular é no sentido de aperfeiçoar o processo de forma a contemplar o conhecimento, a formação e a preparação dos candidatos para ingresso nos cursos de reconhecida qualidade nas duas instituições.

Razão por que, na busca permanente da qualificação do Concurso Vestibular, a Coperse promove eventos ao longo do ano e realiza treinamentos, com vistas à explicitação dos instrumentos que elabora e que podem auxiliar na formação e preparação dos candidatos. Seminários, Projetos e Processos Seletivos são organizados, aproveitando a facilidade da informática, utilizada para uso dos candidatos, dos professores e demais interessados. Estão à disposição, entre outras publicações, os livros Redação Instrumental e Provas Comentadas do CV 2004, ambos, pela Editora da Universidade; e, pela Internet, as Provas Interativas, representando uma edição completa de um Concurso Vestibular, em que o candidato poderá inscrever-se e simular a sua classificação no curso pretendido, através da página www.vestibular.ufrgs.br.

Os procedimentos sumariamente descritos, implementados pela UFRGS indicam que, mais do que realizar um processo seletivo, a Instituição está exercendo o seu papel social ao contribuir, nesta fase de preparação, para a formação dos candidatos e para que tenham sucesso na busca de uma vaga no Ensino Superior.

como ele havia o jovem Rodrigo, de 17 anos, que cursava Direito. Rodrigo partiu ainda no primeiro semestre da faculdade.

Muitas são as histórias de jovens universitários, caídos, veteranos e formandos que não conseguem completar sua trajetória, vitimados pelas tragédias do trânsito brasileiro.

A decisão de não beber quando dirigir, pegar carona com alguém de cara limpa, tirar o pé do acelerador, usar o cinto de segurança, pedir para o amigo ir mais devagar é tão ou mais importante quanto a do curso a escolher. Muitos projetos ficam inacabados por esta decisão.

Devemos fazer uma reflexão sobre o assunto, pois nem sempre a pessoa que é vocacionada para ser Médico tem o mesmo brilhantismo na condução de um veículo. Médico, Engenheiro, Advogado, Professor, também briga no trânsito, desfere palavrões a quem respeita o limite de velocidade a sua frente, dirige de forma perigosa e irresponsável. Nem todos os que se preparam para uma profissão preparam-se também para a VIDA.

Nesta época de Vestibular é preciso que todos pensem muito nisso. Nós pais, que muitas vezes esperamos que os jovens tomem uma decisão quanto à profissão a seguir, muitas vezes nos surpreendemos quando eles decidem que vão se casar por acharmos que são muitos jovens. Por outro lado, respondemos com um grande espanto: como não decidiu? Quando há dúvida na escolha do curso.

Presentear com um carro o sucesso no vestibular é outra atitude a ser avaliada. Será que o futuro "Doutor" possui no trânsito a mesma responsabilidade que no estudo?

Nós, da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga, desejamos ver os jovens nos listões de aprovados do vestibular da UFRGS como campeões de futebol, vôlei, tênis, como profissionais respeitados e bem sucedidos. Para isso é preciso tomar decisões importantes como: nunca beber quando for dirigir, não pegar carona com alguém que bebeu, ou que age com imprudência no trânsito, mesmo que esse alguém seja seu amigo ou um membro da família. Não permita que as pessoas de quem você gosta cometam essa imprudência, que pode custar a sua vida e a de outras pessoas.

Evitar os acidentes de trânsito deveria ser um compromisso de todos, não só nos feriados, mas todos os dias. Esse objetivo deverá estar presente quando saímos para nos divertir, quando levamos "as crianças" na festa, quando nos deslocamos para o trabalho, para a escola, quando viajamos e até quando saímos para festejar a aprovação no vestibular.

Não queremos comover a sociedade; não desejamos que ela tenha pena daqueles, que como nós, perderam alguém que muito amava nesta guerra do trânsito. Queremos que ela reaja e que tenha a dignidade de assumir sua parte na mudança desta situação.

ATUALIDADE

Chegamos ao Pólo Sul!!!

● **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA**
Jornalista

Dois cientistas do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas do Departamento de Geografia da UFRGS integram expedição brasileiro-chilena à Antártica. Um deles é o primeiro brasileiro a chegar ao Pólo Sul geográfico por via terrestre.

Enquanto suamos ao sol do verão e ainda vivemos o tumulto das festas de final de ano, pela primeira vez um brasileiro chega ao interior do continente antártico, no Pólo Sul Geográfico, enfrentando temperaturas de até 40°C negativos e ventos que ultrapassam 160 km por hora.

As nove horas e trinta minutos da noite de terça-feira, 30 de novembro, enquanto assistíamos novela, o professor da UFRGS Jefferson Cardia Simões, 46 anos, tornou-se o primeiro brasileiro a atingir o Pólo Sul através de uma travessia terrestre, depois de percorrer 1.140 km, junto com seis cientistas e seis militares chilenos. A travessia científica chileno-brasileira, a primeira realizada por um país latino-americano, durou 16 dias.

“Colocamos-nos em marcha às 15h, sendo necessário desacoplar os trenós para garantir que o trator TL-6 arrastasse o comboio, já que os esquis estavam emperrados na neve fofa, dificultando a tração. Depois de cruzarmos a pista de pouso (de neve), aterrissou um Hércules C-130, sobrevoando nossas cabeças. Jerry Mary e DK Grant, representantes, respectivamente, da Fundação Nacional de Ciências (EUA) e da empresa contratada Raytheon, nos acolheram na base antiga, dentro do domo, oferecendo-nos doces, bolos e bom queijo.” Tradução e adaptação de um dos primeiros relatórios da expedição.

Apesar do sucesso da missão, Simões considera o retorno a parte mais importante da travessia, quando serão feitas as coletas de amostras de gelo. A partir do dia 8 de dezembro, o comboio, formado por um trator polar e vários trenós com laboratórios e acomodações, começou o caminho de volta para Patriot Hills, estação chilena onde permaneceu o outro professor da UFRGS integrante da missão, Francisco Eliseu Aquino, 36 anos.

Eles fazem parte da Operação Pólo Sul, coordenada pelo Centro de Estudos Científicos de Valdivia, no Chile. “É um exemplo de cooperação internacional”, comenta Simões, primeiro brasileiro a obter Ph.D em Glaciologia, a ciência da neve, do gelo e das geleiras. “Nossas investigações estão associadas a um projeto multinacional, International Trans-Antarctic Scientific Expeditions (Itase). Investimos oito anos de trabalho para ter esta missão conjunta Chile-Brasil.”

PARTIDA DE PUNTA ARENAS

A expedição teve início no final de outubro, quando os pesquisadores brasileiros partiram para Punta Arenas, no sul do Chile, onde finalizaram os treinamentos e a adaptação para a missão. “Foi um trabalho sobre-humano, envolvendo cientistas, militares e especialistas em logística polar. Colocamos até um trator com um container dentro de um avião Ilyushin Il-76. Estamos desde quarta-feira, 3/11, aguardando uma janela de bom tempo para cruzar a passagem de Drake e ir para a estação chilena de verão Patriot Hills, já no continente antártico” – escreve Simões em mensagem via Internet para o Jornal da Universidade. Segundo ele, até então, tudo estava correndo dentro do previsto. Neste ponto, Simões e os demais integrantes da equipe iniciaram a expedição para o interior do continente.

Até o final de janeiro de 2005, estarão realizando sondagens rasas, de até 50 metros de profundidade, no manto de gelo. Estas amostras superficiais darão informações sobre a variabilidade ambiental da Antártica e extremo sul do Atlântico ao longo dos últimos 300 anos. E, juntamente com dados obtidos em outras travessias feitas pelo Itase, constituirão material importante para uma análise precisa do sistema climático e sua variabilidade recente.

Com essa missão os cientistas brasileiros estarão adquirindo conhecimentos para futuro planejamento e execução de expedições ao interior da Antártica, inclusive uma travessia totalmente brasileira em 2007, Ano Polar Internacional. Conforme o documento do Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas (Nupac) da Geografia da UFRGS, o recente feito de cientistas brasileiros e chilenos servirá também para chamar a atenção do público sobre a relevância ambiental da Antártica e renovará a visibilidade do Programa Antártico Brasileiro.

MISTÉRIO E PERIGO

Há muito tempo, Simões aguardava uma oportunidade como esta. “Finalmente, depois de 22 anos de atividades, o Programa Antártico Brasileiro envia alguém no interior do continente. Mesmo integrando uma expedição chilena, trata-se de algo inédito e que só o Nupac está habilitado em todo o



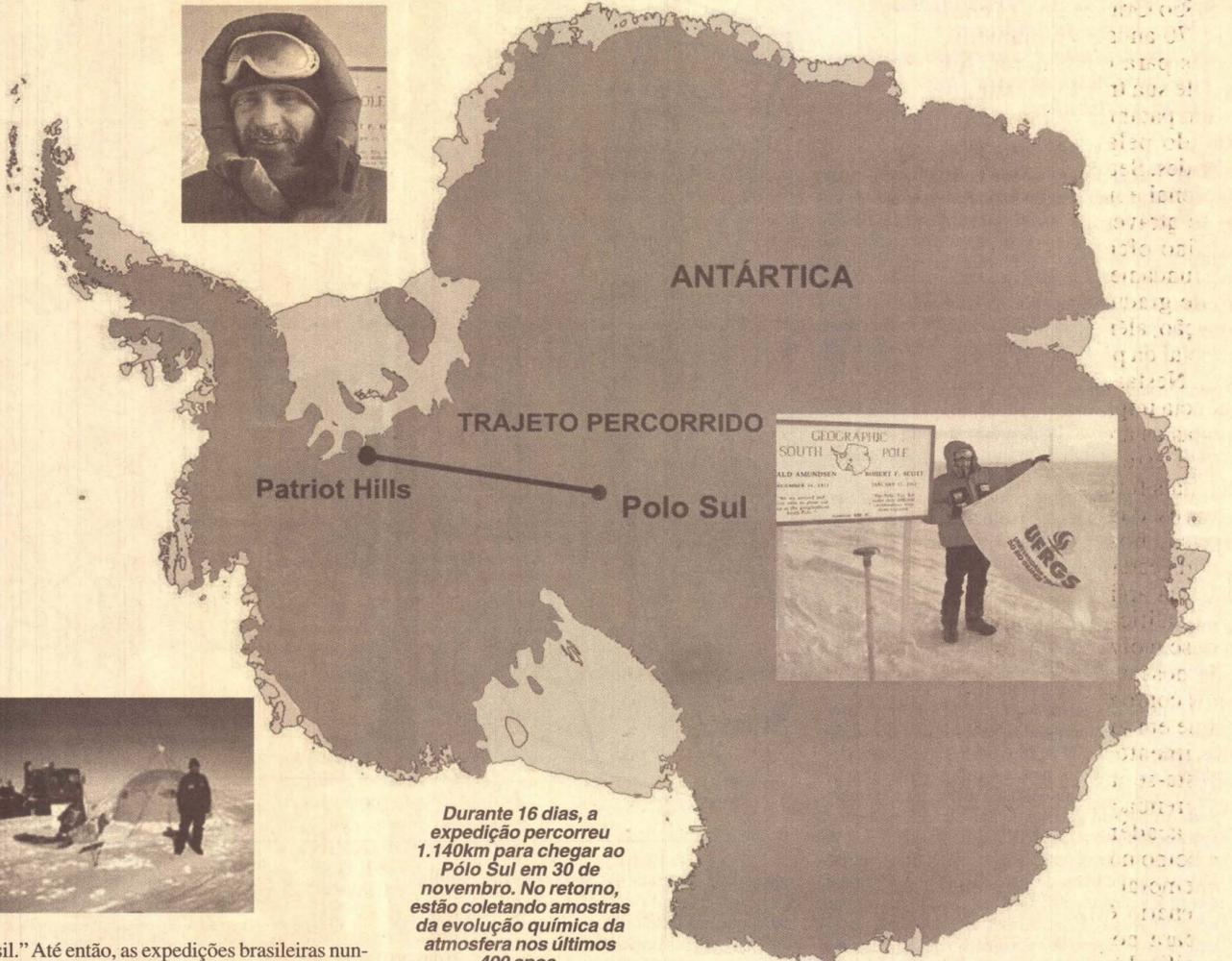
Brasil.” Até então, as expedições brasileiras nunca haviam avançado mais do que alguns quilômetros além da costa antártica. “Ou seja, este continente de 14 milhões de quilômetros quadrados ainda é um mistério para os brasileiros.”

Não só o mistério mas também o perigo fazem parte da experiência daqueles que se aventuram a penetrar o interior do continente branco. Além da baixa temperatura, que pode causar hipotermia e congelamento quase instantâneo da pele, o clima seco provoca desidratação, obrigando ao consumo permanente de líquidos, seja água, café ou chocolate quente. Durante os deslocamentos, a expedição enfrentará as famigeradas fendas, verdadeiras armadilhas, capazes de “engolir” tratores inteiros. Algumas delas chegam a ultrapassar 50 metros de profundidade. Por este motivo, o veículo usado na operação, um Berco TL-6, configurado para funcionar em temperaturas de até 60°C negativos, foi equipado com radares modernos para detecção de fendas. Essa sofisticação também evita os perigos decorrentes da falta de visibilidade. Frente a isto, Simões afirma que “a logística antártica é extremamente cara, e consome cerca de 90% dos recursos investidos”.

Mas, tais investimentos provêm, em sua maioria, do governo chileno, mais de três milhões de dólares: “É verdade que o Brasil investiu proporcionalmente pouco nesta missão. Mas o CNPq está gastando 60 mil dólares para a participação brasileira. Receberemos também, um apoio financeiro da Petrobras”, comenta Simões. Por outro lado, durante os últimos dois anos, o Programa Antártico Brasileiro (Proantar) investiu mais de cinco milhões de reais em duas redes de pesquisas antárticas, estando a rede principal sob a coordenação de Simões. Estas redes são integradas por representantes de mais de 20 universidades e instituições de pesquisas nacionais, com a cooperação de 16 instituições internacionais.

O Proantar foi criado em 1982 pela Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. Esse programa veio como forma do Brasil colocar em prática sua adesão ao Tratado da Antártica, assinado em 1975 por vários países num compromisso quanto ao uso deste continente com fins pacíficos e de cooperação internacional para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Em 1993 foi criado na UFRGS o hoje denominado Nupac. Desde o início, esse laboratório teve como objetivo principal introduzir o Brasil na ciência polar. Em nível nacional, os projetos de pesquisa são apoiados logisticamente pela Marinha do Brasil.

Entretanto, na avaliação de Simões, essa logística representa atualmente o principal problema brasileiro: por ser limitada, não consegue avançar além da costa Antártica. “Para eliminar esse problema, teríamos que montar uma infra-estrutura mínima que nos custaria cerca de três milhões de dólares. O que não é nenhuma fortuna, considerando nossa economia e o papel da Antártica no clima brasileiro, que tem algum impacto, inclusive em processos ambientais que afetam a agroindústria e a zona costeira.”



Durante 16 dias, a expedição percorreu 1.140km para chegar ao Pólo Sul em 30 de novembro. No retorno, estão coletando amostras da evolução química da atmosfera nos últimos 400 anos.

Impressões do vazio no continente branco

“A sensação é estranha e diferenciada, na medida em que só tem o comboio da expedição no meio do ‘nada’, o vazio do interior da Antártica”, diz Simões em sua mensagem ao Núcleo de Pesquisas Antárticas e Climáticas, do Departamento de Geografia da UFRGS em 18 de novembro. Pequenas “novidades” obtidas por telefone *iridium* chegam ao Nupac, onde Siclério Ahlert, orientando de Simões, aguarda as escassas notícias dos expedicionários. “Com muita dificuldade, recebemos, no dia 22 de novembro, a primeira fotografia enviada pelo professor Jefferson Cardia Simões. Em termos técnicos, isso significa três fragmentos de arquivo *stuffit* com cerca de 50 Kb.”

Na foto, o branco ocupa quase todos os limites: é o “branco total”, também conhecido como *white-out*. Em situações meteorológicas como esta, as nuvens aparecem no nível da superfície. A luz é refletida para todas as direções sobre a neve que se mistura às nuvens. Segundo o relatório de Simões, “perde-se totalmente o horizonte, a noção de distância, e mesmo as pequenas irregularidades da superfície não são reconhecidas (por não existir sombra)”. Nesses momentos, qualquer um que se afaste do comboio por mais de 30 metros corre risco de morte. Sem a navegação por instrumentos (GPS), os expedicionários seguiriam errantes em meio ao deserto polar.

Assim como o gelo se mistura às nuvens, o olhar do cientista convive com as impressões do homem comum, com nuances de arte e filosofia. “Esta é a realidade da maior parte do manto de gelo antártico, uma morfologia plana e sem feições, onde a neve se acumula por centenas de milhares de anos. Com o passar do tempo, pela pressão das camadas sobrepostas, essa neve é

transformada em gelo, que depois flui lentamente para a costa.” (Simões, em 23 de novembro)

Mas as pausas para devaneios estéticos são mínimas, a qualquer momento a verdadeira Antártica pode irromper e mudar a situação. “Como aconteceu no dia 24 de novembro, quando, segundo Simões, ‘todos os problemas vieram ao mesmo tempo’. Primeiro, dificuldades mecânicas no trator, resultando em cinco horas de parada para conserto. Depois, mais uma área com *sastruguis* (pequenas dunas de neve formadas pelo vento), que provocam turbulência nos veículos em deslocamento.

O dia estava só começando. Pouco mais de 25 metros à frente da expedição, surge uma fenda com cerca de quatro metros de largura. A alternativa é desviar o comboio e percorrer mais de dois quilômetros ao longo dessa fenda. “Os colegas que seguem atrás, no trenó-cozinha, observaram a fenda abrir logo após nossa passagem.” Sobrevive-se mais um dia, até que chegue a hora de comemorar.

Depois de duas semanas convivendo no trenó-cozinha – um espaço não superior a 12m² para fazer as refeições, trabalhar e descansar – a expedição chega ao Pólo Sul Geográfico, no manto Antártico. É 30 de novembro, e os treze latino-americanos são recebidos de forma calorosa pelos responsáveis pela Base Amundsen-Scott (homenagem aos dois primeiros conquistadores do Pólo Sul, o norueguês e o inglês).

Terminada a sessão de fotos e filmagens, “com o risco de congelamento das mãos”, o comboio estaciona. Todos prepararam o jantar nas instalações novas que os americanos estão construindo no Pólo. “Foi nossa primeira refeição com alimentos liofilizados (desidratados)”, destaca Simões. Comemoração talvez comparável a uma ceia de Natal.



Após duas semanas, a equipe latino-americana chegou à base Amundsen-Scott

VESTIBULAR

Um sonho com certificado de qualidade

● CLARICE SIEDLER
Jornalista

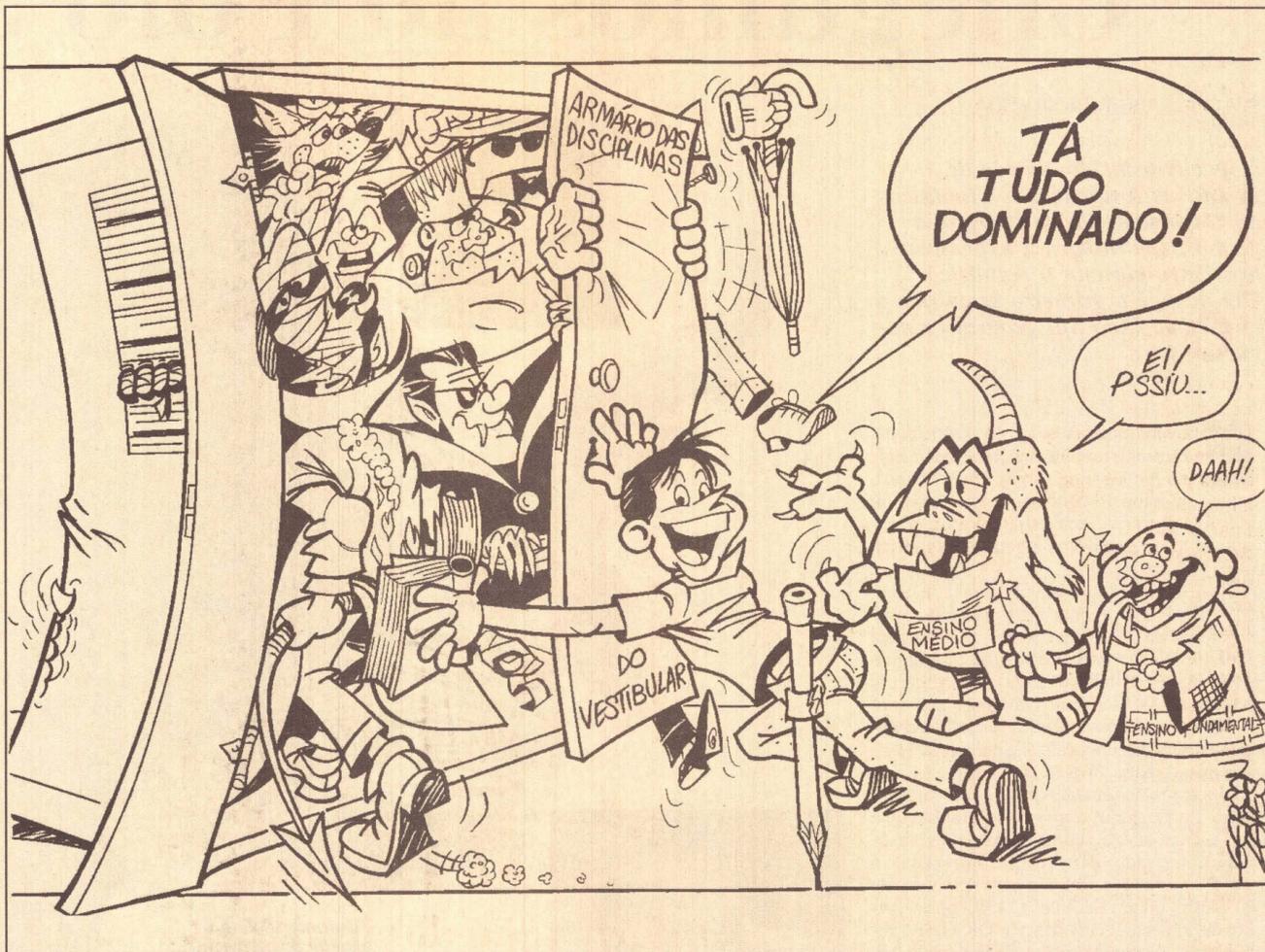
Entrar para a UFRGS é o sonho da maioria dos vestibulandos. Veja como funciona a Universidade e aproveite as dicas dos professores para fazer um bom vestibular.

S seja por um sonho pessoal, por pressão familiar, necessidade profissional ou imposição social, cursar uma faculdade faz parte dos planos de quase todas as pessoas. Não importa a idade, a classe social, o sexo, a renda ou o tempo disponível. Se bastasse desejar para frequentar um curso superior, seria de milhões o grupo de universitários, só no Rio Grande do Sul. Mas, infelizmente, não basta. Em todos os estados e países o número de candidatos a uma universidade é sempre superior ao de vagas oferecidas.

Quem quer encontrar ensino, pesquisa e extensão no mesmo local e deseja aprender numa universidade pública, gratuita e de qualidade escolhe uma federal. É o caso da UFRGS, que é considerada, inclusive pelos órgãos oficiais e governamentais, uma das melhores do País. Só que entrar aqui não é tão fácil. A instituição vem mantendo, nos últimos anos, o número de inscritos sempre mais de dez vezes superior às vagas oferecidas. Isso significa que, anualmente, mais de 40 mil pessoas acreditam que têm alguma chance de ocupar um dos 4.162 lugares destinados aos calouros nos 61 cursos de graduação e participam do concurso vestibular.

O resultado positivo compensa todo o esforço. Vale a pena tentar quantas vezes forem necessárias, pois estar na UFRGS é fazer parte de uma comunidade de 30 mil pessoas que se destaca no cenário nacional pela qualidade acadêmica, comprovada através do sistema de avaliação de cursos de graduação instituído pelo MEC. É descobrir por que a Universidade ocupa posição de destaque entre as federais em termos de publicações e é a segunda em produções científicas com relação ao número de professores. É ter a oportunidade de começar cedo na investigação e construção do conhecimento através das possibilidades de bolsas de iniciação científica, participando de um dos 490 Grupos de Pesquisa certificados pela instituição no diretório do CNPq. É conviver com outros 20 mil alunos de graduação, 6.500 de pós-graduação, 2.400 servidores técnicos e administrativos e 1.900 professores.

Difícilmente, o aluno poderá conhecer os mais de 300 prédios distribuídos pelos quatro campi (Campus Central, da Saúde, Olímpico e do Vale) e que



equivalem a cerca de 470 mil m² de área construída num espaço total de 21.878.376 m². Mas é bom saber que tudo isso faz parte do seu mundo, que tem um dos maiores orçamentos do Estado.

O aluno da UFRGS pode contar com o sistema formado pela Biblioteca Central e 32 outras setoriais, que constitui o terceiro maior acervo dentre as universidades brasileiras, possuindo um volume superior a 900 mil itens de informação. Pode utilizar um dos quatro restaurantes universitários, que têm capacidade para servir até 5.200 refeições por dia e, se não tem casa em Porto Alegre e é carente de recursos financeiros, pode

candidatar-se a uma vaga numa das três casas de estudantes, que abrigam 542 jovens.

Quem gosta muito de estudar e tem vocação para o ensino e a pesquisa pode tentar continuar na instituição, concorrendo a um dos 66 programas avaliados e reconhecidos pelo Sistema Nacional de Pós-graduação, e que são formados por 62 cursos de mestrado acadêmico, nove de mestrado profissionalizante e 55 de doutorado. Todas essas e muitas outras informações sobre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul podem ser encontradas no endereço eletrônico www.ufrgs.br.

O estudo interativo

A UFRGS coloca à disposição de quem quer ingressar em um dos seus cursos uma série de serviços e informações que podem ajudá-lo, e muito, no período de preparação para o vestibular. A página de Provas Interativas objetiva auxiliar no preparo dos alunos de ensino médio para o concurso. Contém o conjunto de questões objetivas de múltipla escolha de vestibulares anteriores, incluindo os cinco idiomas previstos, e a prova de Redação, na modalidade auto-instrutiva. Inclui, ainda, comentários para as questões objetivas e para a Redação. Desde outubro, o programa passou a contar, também, com o tópico "ajuda", com esclarecimentos e orientações sobre o conteúdo em que a questão está inserida. Essa proposta da UFRGS é inédita no contexto das universidades brasileiras, já que nenhuma outra editou serviço similar. Além disso, o estudante cadastrado tem a oportunidade de avaliar-se, calculando sua média como se fosse participante efetivo do concurso, e verificar como seria sua classificação.

A instituição foi igualmente pioneira na adoção do serviço de Redação Interativa utilizando um mecanismo de auto-instrução que permite ao próprio candidato avaliar seu texto. Nesse processo, o aluno desempenha, ao mesmo tempo, os papéis de autor e de leitor da redação que elaborou. A planilha adotada para esse sistema foi adaptada à compreensão do estudante, a fim de auxiliá-lo na auto-avaliação.

A operacionalização das provas objetivas é simples, pois apresenta apenas uma possibilidade de resposta. Além disso, sempre que o aluno enfrenta dificuldade para solucionar uma questão, antes de tentar o "chute" em qualquer das alternativas, ele pode pedir "ajuda" e obter o comentário que contextualiza a referida questão, orientando-o para que ele próprio encontre a resposta correta. O objetivo é que o candidato utilize o serviço para estudar e aprofundar seu conhecimento acerca do conteúdo das questões propostas.

Aprimoramento constante

Transparência, segurança e equilíbrio. Talvez sejam estas as características que melhor definem o vestibular da UFRGS e da FFFCMPA. Transparência, porque a Comissão Permanente de Seleção (Coperse) optou por dar total visibilidade aos critérios adotados na correção de todas as provas objetivas e na redação. Segurança no resultado final, porque cada questão elaborada pelos membros das diversas bancas tem sua respectiva resposta correta explicada e justificada por eles eliminando totalmente, nos últimos três anos, a possibilidade de ser colocada em dúvida ou anulada; e porque cada redação é analisada separadamente por dois avaliadores e, em casos de discrepância entre as conclusões, por mais dois profissionais. Equilíbrio, porque a Universidade busca selecionar candidatos que tenham uma boa base de conhecimento, já que só há vagas para 10% dos inscritos, mas sem exagerar na complexidade das questões e evitando perguntas que confundam o vestibulando; as famosas "pega-ratão".

Com a paixão que demonstra o orgulho pelo que tem sido feito e o entusiasmo para fazer muito mais, a coordenadora-geral, Avani de Oliveira, e o coordenador de Informática, Roberto Manoel Macedo, falam dos avanços, melhorias e inovações do vestibular. No sentido mais técnico ou mecânico, trata-se de um processo que leva quase um ano para ser organizado. Começa com a avaliação do concurso anterior por um grupo de dez profissionais da própria Comissão e tem continuidade com a seleção e contratação de profissionais especializados e de equipamentos para os candidatos portadores de necessidades especiais. Também são contratados serviços para as provas de habilitação específica dos cursos do Instituto de Artes, de confecção e de avaliação do material para isenção de taxa - que a Universidade concede às pessoas que comprovarem carência socioeconômica -, de serviços de informática para o processamento das folhas óticas e de gráfica para impressão das provas. As provas são aplicadas em aproximadamente 60 escolas de Porto Alegre e mais de três mil pessoas são treinadas e uniformizadas para atuarem como fiscais, coordenadores de prédio e de área, seguranças e equipes de apoio.

O VESTIBULAR

A equipe da Coperse tem trabalhado muito nos últimos anos para aperfeiçoar cada vez mais o concurso de ingresso nas duas instituições de ensino superior. De acordo com Avani e Macedo, a UFRGS realmente quer receber alunos preparados para cursar uma faculdade e coloca à dispo-



O riso estampado e o rosto coberto de tinta assinalam a vitória na disputa por uma vaga

sição deles ferramentas que os ajudam nessa preparação. Há três anos lança, na metade do primeiro semestre letivo, uma edição atualizada da publicação Provas Comentadas, com a íntegra das provas que foram aplicadas em anos anteriores e cuja tiragem de três mil exemplares se esgota até o concurso seguinte. Também sob a forma impressa, foi editada em 2004 a obra Redação Instrumental, que apresenta uma coletânea de artigos, além do conjunto de instrumentos e critérios utilizados pelos avaliadores e exemplificados por alguns textos entregues no último vestibular.

O grande destaque no sentido de reforçar a ideia da instituição de tornar totalmente transparente seu concurso é, sem dúvida, o serviço de Provas Interativas. Um dos mais recentes e completos sistemas de apoio ao estudante pela Internet foi criado pela Coperse em junho deste ano. A inovação visa a ajudar os candidatos em sua preparação prévia às provas. Seus objetivos foram plenamente entendidos e aceitos pela comunidade. Segundo o professor Macedo, até outubro já haviam sido feitos mais de 20 mil acessos, o que gerou, inclusive, a necessidade de aumentar a capacidade inicial do servidor. Até novembro, mais de quatro mil pessoas estavam cadastradas como usuárias, ou seja, podem acessar a página quantas vezes quiserem para melhorar seus conhecimentos.



Publicações das melhores editoras do país
Artigos da grife UFRGS

Títulos da Editora da Universidade têm 20% de desconto

Campus do Vale: 3316-7339 // Campus Central: 3316-4202

Bruno Zillotto

VESTIBULAR

Especialistas aconselham os candidatos

Para ajudar o candidato a entrar na UFRGS, o Jornal da Universidade ouviu alguns especialistas da própria instituição. Eles dão dicas importantes em suas respectivas áreas para melhorar o resultado final.

O vestibular é uma das grandes situações de estresse pelas quais muitas pessoas passam ao longo de suas vidas. Mas, certamente, não é a única e nem sempre a mais importante. Dedicção aos estudos é fundamental, mas não garante vaga na universidade. Vários outros fatores têm influência direta no desempenho do estudante, como a alimentação, a autoconfiança, a participação da família, a ansiedade e a condição física. Na reta final, então, tudo fica mais intenso. As últimas quatro semanas são uma verdadeira maratona de aulas, aulões, simulados, provas, revisões. Esse momento de acúmulo de atividades e exigências externas pode tornar-se crítico se o vestibulando não puder manter o controle sobre a situação.

Respire. Respire fundo! Como salienta a psicóloga Maria Célia Lassance, trata-se apenas de uma série de dicas e sugestões, e como tal devem ser tomadas pelos estudantes. Não são regras definidas e fechadas que precisam ser seguidas ao pé da letra por todos. Afinal, os jovens não deixam de ser indivíduos com características e necessidades próprias para se tornarem "vestibulandos". O principal conselho da psicóloga aos vestibulandos é que respirem, respirem bem fundo e lentamente quando sentirem que a ansiedade está crescendo, pois ela diminui com a respiração abdominal.

Membro da equipe do Centro de Avaliação Psicológica, Seleção e Orientação Profissional, do Departamento de Psicologia de Desenvolvimento da Personalidade, Maria Célia é uma das profissionais da UFRGS que mais conhece os vestibulandos. Trabalha há muitos anos com jovens que querem entrar na Universidade. Com base em seus estudos e sua experiência, dá algumas sugestões de como diminuir a ansiedade e diz que o jovem precisa saber dimensionar o vestibular para não encarar-lo como um monstro difícil de ser vencido.

Lassance destaca dois pontos de estresse objetivos: 1- A entrada para uma universidade é, atualmente, ponto-chave de *ascensão social*. Mesmo que não o seja, culturalmente é vista como tal, e o jovem acredita nisso, o que se torna uma obrigatoriedade. Nas classes média e alta, é uma continuidade natural dos estudos, uma exigência social tácita; 2- As escolas de ensino médio, hoje, trabalham para o vestibular. A medida de uma boa escola, em Porto Alegre, por exemplo, é dada pelo número de seus egressos que entram na UFRGS. Isso significa que, indiretamente, os jovens passam três anos se preparando para essa única prova, única chance, o que é muito estressante.

Os principais pontos de estresse psicológicos individualizados também são dois: **A importância do curso no projeto de vida do aluno e no de sua família**, bem como na cultura de que ele participa. Neste ponto, Maria Célia destaca que a cultura familiar em torno das diferentes formações se reflete na exigência de um padrão de escolha determinado. O adolescente, em princípio, não pode escolher qualquer coisa e sim um curso que faz com que se sinta correspondendo às expectativas daquela família. Então, se para sua família só Medicina, Direito e Engenharia são valorizados e ele quer fazer Filosofia, Administração ou Psicologia, pode até tentar se tiver certeza de sua escolha, mas vai ter mais um fator de estresse durante o tempo de preparação, pois vai se sentir uma pessoa desvalorizada. Esse processo de definição também influencia na hora da prova e é gerador de tensão.

A avaliação. O jovem vem de um ensino médio fraco, em que o processo de avaliação é cheio de chances, recuperações e dependências. Além disso, passa de ano com nota sete, que é baixa para entrar num bom curso da UFRGS, em que é preciso tirar o equivalente a nove, nove e meio, quase gabaritar as provas. É a pressão desse tudo ou nada que ele sente. Há também a questão do concurso em si. Nesse sentido, a psicóloga destaca a importância da figura do "treineiro", porque elimina a variável estressante de não saber como funciona o sistema de avaliação. No momento de fazer o vestibular para valer, o jovem já conhece o processo e vai mais tranquilo. (CS)



A informação diminui a ansiedade

O adolescente precisa ter uma certa dose de ansiedade, para poder resolver uma série de questões. Precisa conversar com o pai e a mãe sobre as suas expectativas e as deles, falar sobre o que ele espera da profissão e do futuro, e como essa carreira está inserida no tipo de vida que quer levar. É muito bom que os pais contem suas experiências, escolhas e trabalho, não como um caminho a ser seguido, mas como um exemplo de consequência de decisões tomadas, porque as decisões que ele vai tomar também terão consequências. Deve, ainda, conversar com profissionais da área em que ele quer entrar, para saber de várias trajetórias, como são essas carreiras, o que acontece dentro da universidade. A informação diminui a ansiedade. Quando a pessoa está bem informada, tem o controle da situação e se sente mais forte.

Para a psicóloga, Maria Célia Lassance, é indispensável que o jovem saiba dimensionar corretamente o peso e a importância do vestibular. Se por um lado é a avaliação mais importante e singular que ele fez até o momento, por outro, provavelmente, será a mais simples das que vai fazer ao longo da vida. Em algumas seleções para trabalho, a disputa envolve 300, 400 pessoas muito qualificadas. Então não é "o" concurso da vida dele, é o primeiro do mundo adulto, o começo de uma trajetória. O vestibular é importante, mas precisa ter sua dimensão certa, para não se transformar em um bicho-de-sete-cabeças.

Evite mudar hábitos repentinamente

O jovem que está acostumado a praticar esportes ou faz exercícios regularmente, não deve deixar de fazê-los porque está estudando para o vestibular. Aquele que tem vida sedentária deve continuar assim até passar o período de provas. Este é o principal conselho de Álvaro Reischak de Oliveira, professor de Fisiologia do Exercício da Escola de Educação Física. Vinculado ao Laxep (Laboratório de Pesquisa do Exercício), Álvaro diz que o maior erro é tentar mudar de estratégia nessa época, porque pode acarretar consequências totalmente diferentes das desejadas.

Quem está habituado com atividades físicas não pode interromper essa rotina para estudar. Até porque algumas pessoas que o fazem sistematicamente e há muito tempo se tornam dependentes, quimicamente, de exercício, pois ele libera betaendorfina. O jovem que pertence a esse grupo, ao se abster do exercício se abstém, também, de sua dose diária da betaendorfina e pode entrar, literalmente, num quadro de síndrome de abstinência. Isso vai gerar ansiedade, diminuição da capacidade de atenção e concentração e prejudicar o seu desempenho no estudo. Para manter o equilíbrio e a estabilidade, ele precisa continuar com o ritmo a que seu corpo está acostumado.

Isso vale também para o outro extremo. Segundo Álvaro, um jovem sedentário não deve começar a praticar esporte ou fazer exercícios pensando que isso vai melhorar sua condição física e ajudar no seu desempenho, porque não é verdade. "Essa mudança de estratégia não é indicada. Se começar a fazer exercícios dessa forma e com esse objetivo, vai ter a tendência a desenvolver micro ou macro lesões, pode gerar um processo inflamatório indesejado, vai se sentir cansado e isso vai diminuir o rendimento do seu estudo", explica o professor. O que ele deve fazer é "dar uma parada com os livros e sair a caminhar pela Redenção, olhar passarinhos. Isso ajuda a tirar um pouco

o foco, diminuindo a tensão e o estresse. É extremamente eficiente, pois quando voltar, o rendimento será melhor".

Então, as sugestões na área da Educação Física são: não mudar a rotina do corpo, seja ela de muito movimento ou de sedentarismo, fazer pausas no estudo e sair a caminhar para recuperar a capacidade de atenção e concentração e, sempre que sentir necessidade, utilizar as técnicas básicas e mais conhecidas de alongamento e de relaxamento, pois elas realmente funcionam.

Por fim, ela alerta que uma crise de ansiedade pode afetar a memória, a concentração e o próprio batimento cardíaco. Por isso, o grande conselho é respirar, pois respirar fundo repõe as coisas no lugar e diminui até o batimento cardíaco quando ele está alterado. "Pára e respira, que tudo volta ao normal".

Alimentação balanceada, sono, atividade física e alguma diversão

Uma alimentação equilibrada e balanceada irá contribuir, e muito, no momento das provas do vestibular. A afirmação da nutricionista Claudia Dornelles Schneider é dirigida ao jovem que está buscando obter melhor desempenho. Ela começa lembrando aos vestibulandos que tenham em mente os diversos fatores que irão influenciar em sua performance como um todo, além do estudo propriamente dito, e que são: alimentação, atividade física, dormir a quantidade de horas necessárias e permitir-se alguma diversão.

Segundo a profissional, se o estudante seguiu, ao longo dos meses, uma rotina alimentar adequada, pode confiar que a nutrição fez seu papel em garantir as condições fisiológicas à exigência do período em questão. A necessidade nutricional de cada um é a quantidade diária de nutrientes de que o corpo precisa e varia de acordo com a idade, sexo e nível de atividade física. Para satisfazer a necessidade diária de cálcio, mineral que atua na contração muscular e secreção de enzimas, por exemplo, o indivíduo adulto necessita de leite, iogurte ou queijo. O ferro é outro mineral muito importante. A anemia por deficiência de ferro resulta em função imunológica alterada e desenvolvimento cognitivo deficiente, e isso com certeza afetará o desempenho do estudante.

Claudia explica que a dieta deve conter fontes animais de ferro (como a carne vermelha e fígado) e fontes vegetais (a partir de feijão, brócolis e espinafre), de preferência associadas a alimentos ricos em vitamina C (frutas cítricas, tomate). De uma forma positiva, a vitamina C auxilia na absorção do ferro de origem vegetal que, se estiver deficiente na dieta, pode causar cansaço e mudanças de humor.

O QUE COMER

Nos dias que antecedem a prova:
Evitar alimentos ou preparações muito condimentados ou gordurosos;
Priorizar refeições moderadas e frequentes;
Garantir a ingestão de frutas nos intervalos entre as grandes refeições;
Não cortar nenhum grupo alimentar, ou seja, comer tanto os carboidratos quanto as proteínas e gorduras sem exagero;
Não fazer mudanças radicais na alimentação, a fim de evitar indisposições.

No dia da prova:
O importante é não estar em jejum, nem tentar compensar hábitos inadequados anteriores. O café da manhã deve se aproximar do habitual.

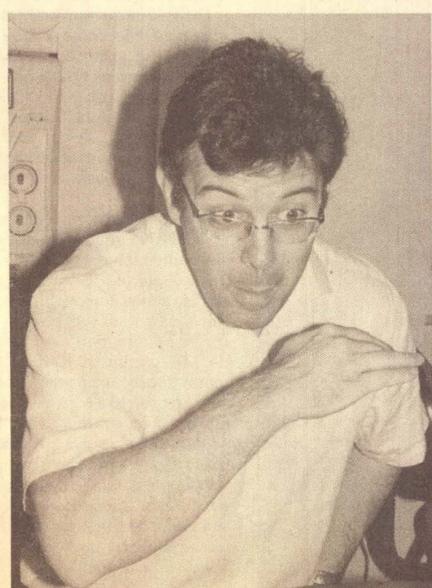
Tentar realizar uma dieta baseada em frutas e cereais, tais como pão, granola, sucrilhos, e para acompanhar leite ou iogurte desnatado.

Durante a realização das provas, optar por barrinha de cereais ou frutas de fácil transporte e consumo. Nesta hora - contrariando a sabedoria popular - o chocolate deve ser descartado, principalmente no verão, por conter alto teor de gordura.

Ao longo do dia, também é indicada a ingestão de líquidos como água e sucos naturais, de preferência, água-de-coco.

Na lista dos alimentos contra-indicados estão a feijoada e qualquer outro prato desta natureza. A digestão das gorduras requer muito esforço ao organismo e nesse momento o empenho deve estar concentrado nas provas. O almoço pode ser composto por alimentos ricos em carboidratos como arroz, batata, macarrão, assim como de carnes brancas e outros vegetais.

O consumo de bebidas alcoólicas e energéticas está desaconselhado. A overdose de energia que essas bebidas prometem pode prejudicar os candidatos que se encontram em um estado alterado de ansiedade e estresse.



Álvaro aconselha a manter o ritmo

RENI JARDIM

“O Big Bang não é o começo de tudo”

MÁRIO NOVELLO

FOTOS REM JARDIM



“Einstein não provou que Newton estava errado. Na verdade, nenhum cientista faz isso, o que ele faz é limitar o alcance da teoria anterior. E o que Einstein fez foi botar limites na teoria de Newton.”

O físico e cosmólogo Mário Novello, do Instituto de Cosmologia, Relatividade e Astrofísica, do Ministério da Ciência e Tecnologia (ICRA), não tem papas na língua. Para ele, físicos são, antes de tudo, seres sociais e políticos. É natural, portanto, que, ao expor suas idéias, utilize a mesma forma direta com que demonstra sua teoria do Universo eterno, que limitou a teoria do Big Bang e influenciou na concessão do título de doutor honoris causa pela Universidade de Lyon. Neste mês, ele esteve na UFRGS para montar um protocolo de intenção, falar sobre Cosmologia e divulgar seu livro mais recente, “Os jogos da Natureza”. E deu esta entrevista aos repórteres Ademara Vargas de Freitas e Sonia Torres e ao pró-reitor de Pesquisa, Cesar Vasconcellos.

JU – Como se desenvolveu a sua trajetória como cientista?
Mário Novello – Comecei a graduação na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, que na época era da Universidade do Brasil e hoje é da UFRJ. Em 1963, a gente se mudou para Brasília, para criar a Universidade de Brasília que era o grande sonho de Darcy Ribeiro e daquele pessoal que queria realmente transformar o Brasil num país superavançado, mas brasileiro. Ou seja, um país que não copiava as coisas. A idéia era juntar o maior número possível das pessoas mais competentes nas suas áreas e, não sei como, eles conseguiram isso em todas as áreas: na Física, na Matemática, na Química, na Música... Na música tínhamos o Cláudio Santoro, nosso grande compositor.

Maria Luisa, uma adolescente entre 14 e 16 anos, que tem uma admiração muito grande pelo pai, um cosmólogo famoso. Enquanto o pai conversava, em casa, com seus colegas, físicos e cosmólogos, ela fica num cantinho, quietinha, ouvindo o pai. Isso sempre acontece à noite, e quando ela vai dormir, sonha com essas conversas. Eu uso os sonhos dela para tirar todo aquele conteúdo teórico e pesado da Física, transformando isso numa linguagem convencional e com brincadeiras, de tal maneira que fique mais fácil as pessoas se envolverem na leitura. Pelo menos é isso que espero.

JU – Dos livros que escreveu, quais os que se destinam a leigos e quais os que se dirigem à comunidade científica?

MN – Recentemente produzi três livros: “O Círculo do Tempo”, publicado pela Editora Campus, a mesma de “Os Jogos da Natureza”, e “Os Sonhos Atribulados de Maria Luíza”. Há um quarto livro, chamado “Cosmos e Contexto”, que supostamente também seria dedicado ao grande público, mas é um pouco mais sofisticado e exige que o leitor tenha noções gerais de Filosofia e de outras áreas do conhecimento.

JU – Dê um exemplo de um conceito estranho na área da Física.

MN – Por exemplo, observe este relógio. Sabemos que qualquer relógio tem o mesmo tic-tac e esse tic-tac não vai mudar simplesmente se eu o movimentar para um lado ou outro. Os físicos descobriram, há cerca de 100 anos, que o tic-tac desse relógio pode mudar se ele for colocado num movimento muito grande, o que significa dizer, próximo à velocidade da luz, que é um número fantásticamente grande, 300 mil quilômetros por segundo. Mas você nunca viu isso, e nenhum de nós poderá jamais ver, porque nunca iremos chegar a essa velocidade. Contudo, existe uma série de comprovações, e os físicos já provaram que não há a menor dúvida de que isso é verdade. Não é estranho que a gente diga que o tic-tac muda simplesmente como consequência de velocidades muito altas? É inimaginável, mas é comprovado. Ao longo dos últimos 80 ou 90 anos, as consequências diretas ou indiretas dessa mudança do tempo já foram comprovadas e, praticamente, nós temos no dia-a-dia uma quantidade incrível de processos que dependem exatamente dessa chamada crista da relatividade. De certa maneira isso foi o fundamento da Teoria da Relatividade.

JU – Fale sobre a importância dessa teoria e explique que grandezas são essas: espaço e tempo.
MN – Você está falando da relatividade geral, que é a teoria da gravitação de Einstein. É outra coisa muito estranha porque a gente sabe que todos os corpos caem. Isso é um conceito newtoniano, e estamos acostumados com esse processo de queda gravitacional. Isso é Newton. Só que, quando o campo gravitacional for muito forte... É essa é a diferença entre o Newton e o Einstein. Porque o Einstein não provou que o Newton estava errado. Na verdade, nenhum cientista faz isso, o que o cientista faz é limitar o alcance da teoria anterior. O que o Einstein fez foi botar limites na teoria do Newton. Quando o campo é muito fraco, essa teoria do Newton é muito boa. Nós a usamos para entender praticamente todos os processos que se fazem na Terra.

JU – E o espaço, e o tempo?
MN – A estrutura de espaço e tempo está ligada com o fato de que a geometria do mundo é determinada pela força gravitacional. Isso é uma coisa esquisita, é outro conceito que não diz respeito ao nosso cotidiano. Se eu pegar uma folha de papel, entendida como espaço-tempo, e colocar sobre ela uma caneta, quando eu mexer na folha, a caneta vai ser automaticamente influenciada. Então, o que é que está acontecendo? Está acontecendo que estou mexendo no espaço-tempo identificado com esta folha de papel. O que o Einstein disse é que o espaço-tempo não é alguma coisa que

está na minha cabeça, é alguma coisa que tem uma realidade, é quase uma substância. E, ao mexer na folha de papel, que é exatamente o que o campo gravitacional faz, eu mexo em todos os corpos que existem no mundo em relação ao espaço-tempo. Mas, eu não estou vendo o espaço-tempo mexer coisa nenhuma! Pois é a mesma coisa que ocorre com o relógio: são coisas que não fazem parte do nosso cotidiano, não fazem parte do mundo newtoniano em que vivemos e vamos sempre viver.

JU – Nos seus livros e palestras, o senhor fala dos buracos negros. Como explicar o que é isso de maneira que qualquer pessoa entenda?

MN – É mais ou menos simples de entender, porque, tirando certas situações-limite, o buraco negro está muito próximo de um conceito newtoniano. É como uma pessoa que, usando o cartão de crédito, gasta mais do que poderia gastar, e um dia vai ter problemas com isso. O buraco negro é uma estrela que emitiu energia a ponto de comprometer o equilíbrio entre a força nuclear, que a levaria a explodir, e a força gravitacional, que tem tendência a fazer com que se contraia. Quando esse equilíbrio é rompido, a estrela começa a colapsar. E aí, dependendo de suas configurações, existe a possibilidade de que ela colapse indefinidamente, tornando-se, então, o que chamamos de buraco negro. Buraco negro seria uma estrela colapsada e com um campo gravitacional tão intenso que, em princípio, nada pode sair dela, nem mesmo o grão de luz, que é o fóton. Se for emitido, ele será imediatamente reabsorvido pelo campo gravitacional. Daí, o termo buraco negro, de onde a luz não sai. Mas o buraco negro tem outras propriedades. A propriedade típica é a força gravitacional: um corpo que passe perto de um buraco negro pode ser sugado, atraído gravitacionalmente e, puft, cair lá dentro.

JU – O que diz a sua teoria do Universo eterno?

MN – Sobre o Universo eterno não existe apenas uma teoria, nem sou o único cientista a trabalhar nisso. Desde os anos 70, e mesmo antes, vários cientistas trabalharam no tema, na França, no Brasil. Então, várias teorias se opuseram ao Big Bang.

JU – Como começou a desenvolver essa idéia?
MN – Não foi nada romântico. Foi simplesmente através de equações. Eu encontrei uma solução diferente da solução do Big Bang. Só isso. Na verdade, as equações de Einstein são complicadas, são equações não lineares. Muitas delas têm soluções que a gente ainda desconhece. A gente não conhece a totalidade das soluções das equações que descrevem a gravitação. Então, lá pela segunda metade dos anos 70, encontrei uma

solução que tinha uma propriedade muito estranha. Representava o Universo, que após ter colapsado, tinha parado o colapso e começado o processo de expansão. Se esse colapso era um volume extremamente pequeno, daqui para frente, essa solução seria semelhante ao Big Bang. Procurei saber o que sustentava a idéia da criação do Universo, o Big Bang, e descobri que não havia nada, era uma solução tão boa quanto outra qualquer. Então, foi por aí que comecei a examinar as propriedades dessa solução. E mistrei a muitos colegas, já nesse momento, que ela podia representar muito bem as observações que a gente tem em Cosmologia e ir além do Big Bang.

JU – Esse trabalho foi desenvolvido com algum colega?

MN – Fiz esse trabalho com meus alunos. Na época, não havia cosmólogos no Brasil, e eu tive que formar esse pessoal. Comecei em 1976, quando criei a primeira escola de Cosmologia. Sempre disse aos meus alunos que, quando uma pessoa começa a desenvolver uma certa habilidade a fazer com que se contraia. Quando esse equilíbrio é rompido, a estrela começa a colapsar. E aí, dependendo de suas configurações, existe a possibilidade de que ela colapse indefinidamente, tornando-se, então, o que chamamos de buraco negro. Buraco negro seria uma estrela colapsada e com um campo gravitacional tão intenso que, em princípio, nada pode sair dela, nem mesmo o grão de luz, que é o fóton. Se for emitido, ele será imediatamente reabsorvido pelo campo gravitacional. Daí, o termo buraco negro, de onde a luz não sai. Mas o buraco negro tem outras propriedades. A propriedade típica é a força gravitacional: um corpo que passe perto de um buraco negro pode ser sugado, atraído gravitacionalmente e, puft, cair lá dentro.

JU – Dê um exemplo disso.

MN – O Big Bang. Todo o mundo falava, e ainda fala hoje em dia, que o Big Bang é o começo do Universo. Você vê na televisão, eu dei entrevista até no programa do João Soares, mas não adiantou nada, continuam tomando por verdade a meia verdade.

JU – Por que não é correto tomar o Big Bang como início do Universo?

MN – Todos os astrofísicos e cosmólogos acreditam que o Universo foi extremamente condensado no passado. Não há dúvidas sobre isso. Mas, o pessoal que aceita a teoria do Big Bang *stricto sensu* identifica esse momento de extrema condensação com o começo de tudo, o que é outra coisa. Então, ele já vai além até mesmo do que a gente observa no mundo. Por várias razões, essa extrapolação indevida foi aceita por alguns cosmólogos e acabou se tornando hegemônica nos anos 70, 80. A mídia passou essa informação – primeiro nos Estados Unidos, depois na Europa e por fim no mundo inteiro – e ficou como se fosse uma verdade. Mas no fundo, não era uma verdade, era só uma ideologia de alguns cientistas.

Temos que pensar grande na área da Cosmologia

JU – Vamos falar sobre a criação do ICRA.

MN – Existe em Roma o International Center for Relativistic Astrophysics, que é o Centro Internacional de Astrofísica Relativista, diferente do nosso. O diretor desse centro, professor Remo Ruffini, está criando núcleos no mundo, numa espécie de rede internacional baseada numa estrutura geopolítica. Tem na Itália, na França, na Rússia, no Japão, nos Estados Unidos e está sendo instalado na Austrália. Na América do Sul, o professor Ruffini sugeriu que o centro fosse instalado no Rio de Janeiro. Em carta que enviou ao ministro de Ciência e Tecnologia, ele argumentou que, no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), já havia um grupo importante trabalhando em pesquisas nessa área e que esse grupo poderia tomar-se um núcleo de interação.

JU – O que pretende o diretor do Centro Internacional?

MN – Ele quer utilizar satélites de observação e distribuir as informações pela rede, como se dissesse: quem for mais inteligente pega primeiro. Se esse plano der certo, vai transbordar para outros setores das ciências e, em menos de duas décadas, terá mudado o panorama científico do mundo. Então, o Prêmio Nobel vai começar a sair para países que não têm possibilidade de investir maciçamente em grandes experimentos. E, praticamente, a custo zero para o governo brasileiro, o dinheiro grosso viria da Comunidade Europeia, em acordo entre o Brasil e a Itália. Ao ouvir essa proposta, o governo deveria ter saído correndo atrás.

JU – E o que aconteceu, então?

MN – Na fase Fernando Henrique, fomos simplesmente ignorados. O superintendente dos Institutos de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia, um astrofísico de São Paulo chamado João Steiner, nos ouviu, achou interessante a idéia, mas não tocou nada. Várias cartas minhas ficaram sem resposta. Na administração Lula, tivemos que começar do zero, porque aquelas cartas simplesmente haviam desaparecido. Mas o ministro Roberto Amaral teve um comportamento que achei maravilhoso: sua primeira providência foi pedir à Unesco um relatório sobre o projeto e o grupo, exatamente o que a gente queria. Em julho do ano passado, o ministro anunciou de público a criação do Instituto. E aí aconteceu uma coisa que lembrou os anos 70: a comunidade brasileira de físicos foi contra. E o mais grave é que, em dezembro de 2003, o atual presidente da Sociedade Brasileira de Física, Adalberto Fazio, em pronunciamento aos sócios, disse o que nenhum cientista deveria dizer em sua vida: “O Conselho da SBF é contra a criação de qualquer Instituto de Cosmologia no Brasil”. Ele não disse que era contra a criação do ICRA. Ele foi muito além. Uma coisa catastrófica.

JU – Que motivo ele tinha para dizer isso?

MN – Até hoje não sei, nunca foi feito um documento, a razão nunca foi colocada às claras. Mas, antes de serem físicos, são pessoas, e não pertencem à área de Cosmologia. Como em tudo, a Física também tem suas especialidades. Nós, os cosmólogos, éramos uma minoria, hoje somos uns 200, talvez, no Brasil inteiro. E a grande maioria de físicos ficou contra, mas nunca houve uma discussão. A tal ponto, que houve uma reunião da Sociedade Brasileira de Física para decidir esse assunto e eu, que desde o início estava envolvido, nem fui chamado para ser ouvido. Eles botaram alguma coisa na cabeça e ficaram atacando o ministro por ter aprovado o projeto.

JU – Como evoluiu essa questão?

MN – Aí veio o novo ministro, Eduardo Campos, e começou uma nova discussão. Ele foi bastante conciliador. “O ICRA é uma instituição importante. A comunidade está contra? Então, vamos fazer assim: o ICRA vai ser desenvolvido, porque o ministro anterior já criou, só que vai ficar no guarda-chuva de um instituto que já existe, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia”. E é assim que está sendo feito. No dia 24 de novembro, foi referendado pelo Conselho Técnico Científico, órgão máximo do CBPF. E por esses dias o ministro estará assinando a criação do ICRA. Abrigado no interior do CBPF, o ICRA não será uma universidade sem esse conhecimento. Durante três meses, 17 cosmólogos e físicos colaboraram nessa área. Mas o pró-reitor Cesar Vasconcellos e seus colaboradores estão desenvolvendo esse trabalho. Ele é um físico nuclear, que aos poucos foi entrando na análise da microfísica no interior da matéria e saiu lá no Cosmos. Tal evolução faz sentido, porque é exatamente essa unificação que estamos procurando. No ano passado, dei uma palestra para os alunos dele e fiquei impressionado com o alto nível das perguntas, mesmo não tendo essa especialidade aqui.

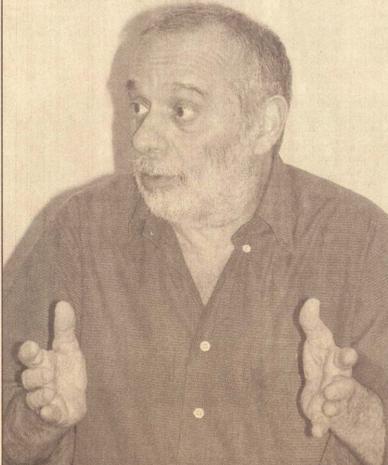
JU – E o que isso significa?

MN – É que eles têm formação, que estão com vontade de entrar nessa área. Como em qualquer outro lugar do mundo, deve haver alguma presença social dentro do Instituto de Física, vindo das outras áreas, o que de certa maneira impede esse pessoal de crescer. Isso é devaneio meu, porque foi o que aconteceu comigo e aconteceu em todos os lugares onde um grupo de Cosmologia começa a crescer: os outros grupos têm problema em aceitá-lo. A mídia também se interessa muito por coisas que são típicas da Cosmologia, porque atraem o interesse das pessoas. E esse interesse às vezes cria embaraço para a gente junto aos nossos colegas. Há um forte exemplo midiático e popular envolvendo as questões de que trata a Cosmologia, o que deveria ser entendido como algo positivo por toda a comunidade dos cientistas, mas, em geral, não é o que acontece.

“A propriedade típica do buraco negro é a força gravitacional: um corpo que passe perto de um buraco negro pode ser sugado, atraído gravitacionalmente e, puft, cair lá dentro.”



“Em relação à teoria do Universo eterno, o que acontece é que encontrei uma solução diferente da encontrada pela teoria do Big Bang. Só isso.”



LONGE NO TEMPO, O INFINITO PASSADO
“O cenário do Big Bang se esgotou por várias razões. E as pessoas foram aderindo à idéia de que poderia ser discutido o que houve antes dele. Não, necessariamente, dentro da minha teoria, mas dentro da mesma idéia. Existem vários modelos que buscam explicar o que teria dado origem ao Big Bang. Eles representam um passo além, são modelos de um Universo que não tem começo num tempo finito. Em princípio, seria infinito. Nessas diferentes interpretações, o Universo é eterno. Mas não quer dizer que não tenha um começo, só que é colocado bem longe no tempo, supostamente, no que a gente chama de infinito passado.”

CIÊNCIA NÃO É QUESTÃO DE GOSTO
“A teoria do Universo eterno tem uma série de propostas que ainda não podemos observar, mas que daqui a pouco já vamos poder. Assim é que é a ciência. Eu tenho um modelo e posso apresentá-lo para que as pessoas observem se as consequências desse modelo são corretas ou não. O modelo Big Bang não é testável na sua singularidade, porque não traz nada de que se possa tirar informação, enquanto que o modelo do Universo eterno apresenta uma série de propriedades que já estamos começando a observar. São as propriedades que estão acontecendo sobre propriedades associadas às observações astrofísicas. A minha teoria é uma solução exata das equações de Einstein. Mesmo que alguma pessoa não goste, não pode dizer que está errada. Ciência não é uma questão de gosto, esse é o ponto.”

O UNIVERSO EM EXPANSÃO
“Desde 1929, sabemos que o Universo é um processo dinâmico, uma estrutura em que o volume do espaço varia com o tempo, aumenta conforme o tempo passa. Isso significa que, no passado, o volume foi menor. Então, a pergunta óbvia é: quanto menor foi o volume no passado? E, por várias razões, as pessoas que aderiram à teoria do Big Bang sustentam que o Universo passou por um ponto singular, exatamente o momento da explosão que lhe teria dado origem. Concordavam também que era impossível obter informações sobre o que teria acontecido então. Então, o Big Bang seria o momento a partir do qual o Universo teria começado a existir, que até mesmo do ponto filosófico é complicado. Seria aceitar aquilo que o físico não deveria nunca aceitar, que existe alguma coisa irracional no mundo, alguma coisa que não tem uma explicação. Não estou dizendo que o físico vai explicar tudo o que existe. Só estou dizendo que essa é a função do físico, tentar explicar tudo o que existe.”

NEM TODOS SÃO INGÊNUOS
“Uma vez que não se pode ter informações sobre o que precedeu o Big Bang, não se poderia, de jeito nenhum, montar um cenário racional do mundo a partir daquele instante inicial. Consequentemente, o Universo inteiro seria irracional, já que não se pode ter uma estrutura racional do mundo quando não se tem acesso informacional, observacional. No caso do Big Bang, as quantidades que se mediram são divergentes, são infinitas. A temperatura do Universo seria infinita, a densidade seria infinita, e não se pode medir o infinito. Pode-se medir um número muito grande, mas não o infinito. Até mesmo do ponto de vista metodológico, o Big Bang foi um retrocesso. Claro que nem todos os defensores do Big Bang são ingênuos. Há uma série de razões pelas quais foram levados a isso, mas isso é uma história longa, para ser contada em outra ocasião.”

QUEM PODE GANHAR UM PRÊMIO NOBEL
“Sabemos que o Brasil e a maior parte dos países não têm condições de lançar um satélite para fazer pesquisas sobre diversas áreas. E, obviamente, quando se faz uma pesquisa paga pela NASA é complicado, porque os cientistas associados à NASA obtêm os dados de observação antes de qualquer outro. Por que é que, em se tratando de Físicas experimentais de altas energias, todos os ganhadores do Prêmio Nobel são sempre de um ou dois institutos conhecidos? Por uma razão muito simples: são eles que têm as grandes máquinas, máquinas de milhões e milhões de dólares, e é claro que os dados que vão da observação são oferecidos primeiro para equipes associadas a esse laboratório. E como só eles têm essas máquinas, eles vão continuar a ganhar o Prêmio Nobel. Eles não são melhores ou piores do que qualquer outro pessoa, eles apenas têm acesso aos dados primeiro. E é claro que, sendo inteligentes, como todos nós somos, eles vão chegar ao Prêmio Nobel.”

PARCE BRINCADEIRA, MAS NÃO É
“Do ponto de vista pessoal, Os Jogos da Natureza foi o livro que me deu mais prazer, porque acho que consegui juntar todos os anteriores em termos de informação, em termos de brincadeira e em termos de leveza. Se você escreveu um livro pesado as pessoas não vão ler. Num primeiro momento, o público pode até achar que se trata de uma brincadeira que não tem conteúdo científico. Por isso, em várias passagens, eu chamo atenção para o fato de que tudo o que está escrito ali é estritamente o conhecimento científico de hoje. Como adotei um estilo meio brincalhão, algumas pessoas poderiam pensar que aquilo tudo é invenção. Acontece que alguns dos conceitos da Física são tão estranhos que é fácil imaginar que tudo não passa de invenção, mas não é nada disso.”

MUITO ALÉM DOS SENTIDOS
“Vamos sempre viver num mundo newtoniano, mesmo que a Física não seja mais newtoniana. Porque o mundo de Newton determina exatamente a ciência próxima do nosso corpo, com a temperatura, com a estabilidade etc. Então, o mundo em que a gente vive – e para sempre – é o mundo newtoniano. Inclusive a linguagem com que nos comunicamos é montada em cima de experiências do cotidiano. São experiências que saem do nosso corpo. Então, o que aconteceu no Século XX? Aconteceu uma coisa fantástica: os físicos começaram a conhecer o mundo dos microscópios, telescópios, e foram muito além dos nossos sentidos. As máquinas fizeram isso. Só que, o mundo que apareceu é incrivelmente distinto do nosso processo cotidiano. E por isso que eu chamo de dialéto não newtoniano o que a Física fez ao longo do século passado: a Relatividade, a Física Quântica, a Cosmologia. E com essa visão não newtoniana, muitas coisas corriqueiras acontecem. É exatamente isso que torna difícil explicar de maneira simples o que é o mundo quântico.”

CAIO, LOGO EXISTO
“O nosso mundo mental foi criado em cima do nosso corpo, de todos os nossos conceitos. E o mundo newtoniano, do Século XVI até o Século XIX, representa muito bem esse mundo. Para construir um edifício, um engenheiro precisa apenas dessa parte newtoniana. E não há nada de errado com isso, porque ele está construindo na nossa dimensão, na dimensão do homem. Mas quando se trata de estruturas mais complicadas, ou no microcosmo ou no macrocosmo, isso não funciona mais. Tudo isso pra dizer que o espaço-tempo deixou de ser uma representação mental, como queria Kant e Newton, para ser quase uma substância que determina as forças gravitacionais. Mas isso só tem sentido completo quando se vai para campos gravitacionais muito fortes e intensos. Tudo o que existe sente a interação gravitacional e pode ser sintetizado na afirmativa: caio, logo existo.”

ICRA PODE REVOLUCIONAR A PESQUISA
“Não se pode identificar o ICRA como um ramo do instituto internacional dirigido por Ruffini, na Itália. Não há dependência, estamos ligados ao Ministério da Ciência e Tecnologia, somos funcionários do governo brasileiro, o que existe é uma cooperação, e isso é importantíssimo na atividade científica. A idéia é mexer nos fundamentos da prática científica em grupos grandes. Se vai funcionar ou não, se vembe ou não, só mais adiante saberemos. O Ruffini recebeu uma verba muito grande, tem dinheiro suficiente para partilhar o uso de satélites em certas experiências. E os dados obtidos seriam recebidos por todos os institutos vinculados à rede. Acho que isso é uma revolução no modo de fazer ciência. E acho que a mesma coisa está acontecendo em outras áreas. A pesquisa que se faz no Brasil sobre o genoma tem uma importância muito grande porque estamos aprendendo a fazer. Mas o que está sendo pesquisado é uma parte ínfima de uma estrutura muito complexa. A Biologia, agora, está tendo exatamente o caráter da Física, está fazendo experiências supersofisticadas, com muito dinheiro, visando à rentabilidade. Porque essas pesquisas não são mais feitas por governos, são feitas, agora, por empresas.”

INTERNACIONAL

Fórum Social Mundial volta a
Porto Alegre com muitas inovações

IMAGEM CEDIDA PELA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE - FONTE: DIGITAL/INTERSAT/GEOTEC



A cultura terá papel de destaque na programação do FSM 2005, reunindo a diversidade de expressões culturais de povos de todos os continentes em 273 atividades das diversas áreas de expressão.

A quinta edição do Fórum Social Mundial, que será realizada em Porto Alegre de 26 a 31 de janeiro de 2005, apresenta várias novidades, tanto na programação e na metodologia quanto na localização dos encontros, concentrados na orla do Lago Guaíba. Nas três primeiras edições brasileiras, os encontros ocorreram em grande parte no Centro de Eventos da PUC. Nesta edição, as atividades ocorrerão em locais mais integrados à cidade, com 11 espaços temáticos e três eixos transversais.

A primeira edição do FSM, em 2001, teve 25 mil participantes vindos de diversas partes do mundo para construir ações e estimular práticas solidárias e sustentáveis no planeta. Da segunda edição, em 2002, participaram 60 mil pessoas; a terceira, em 2003, teve 100 mil e a quarta, na Índia, em 2004, recebeu 75 mil. No retorno do FSM a Porto Alegre, em 2005, os organizadores estimam em 150 mil o número de participantes. Haverá tradução voluntária e o número de idiomas será ampliado.

Durante o evento, e também na sua preparação, serão exercitadas muitas orientações defendidas no próprio Fórum. Entre elas, o uso do *software* livre, a priorização de empreendimentos solidários no provisionamento e abastecimento do FSM, a sustentabilidade sócio-ambiental e a integração com a paisagem natural da cidade, o transporte alternativo e não poluente, a implementação de práticas de comércio justo e consumo ético, a autogestão e o estímulo às atitudes de responsabilidade social, ambiental e respeito ao espaço público.

ANTI-NEOLIBERAL

O FSM é um processo anti-neoliberalismo iniciado em 2001, em Porto Alegre, onde se realizaram as três primeiras edições. A quarta ocorreu em Mumbai, na Índia, em janeiro de 2004. A partir da primeira edição, o Fórum se internacionalizou e dezenas de outros fóruns ocorrem em todo o mundo – regionais, continentais, temáticos e locais – seguindo as orientações da Carta de Princípios aprovada pelo Conselho Internacional do FSM, formado por 129 organizações.

Essa multiplicidade de ações torna o FSM um processo permanente na construção de um outro mundo possível e necessário. Nas edições anteriores podiam participar apenas integrantes de entidades, denominados delegados. Agora, a intenção é ampliar a participação e popularizar cada vez mais as ideias e os princípios: podem inscrever-se mesmo pessoas sem vínculo com organizações.

Para a realização do evento, calcula-se o investimento de 5 milhões de dólares. Entre as fontes de fi-

nanciamento estão as agências de cooperação internacional, o valor das inscrições e os apoios oferecidos pelas três esferas de governo.

FORTALECENDO DIÁLOGOS

Uma das principais mudanças do Fórum Social Mundial 2005 é a construção da programação de maneira democrática e participativa, e o encaminhamento de propostas de ação. Os temas para debate foram sugeridos por organizações do mundo inteiro. Esta ampliação participativa iniciou-se com o questionário da consulta temática, enviado via Internet, de maio a julho de 2004 e respondido por mais de 1.800 organizações, resultando na definição dos espaços temáticos e eixos transversais.

Cândido Grzybowski, integrante do Conselho Internacional e do Comitê Organizador Brasileiro, diz que os 11 espaços temáticos decididos coletivamente têm tudo para dar andamento às propostas, depois do Fórum, e constituir ações estratégicas, assegurando a diversidade e a pluralidade do processo. Para o integrante do Comitê Organizador Indiano, Amit Sengupta, este processo é uma experiência singular no mundo, construído por organizações de mais de 100 países.

Diferente das três primeiras edições do Fórum, em que a programação estava dividida entre as grandes atividades propostas pelo Comitê Organizador, que definia eixos de debates e as principais conferências, enquanto as demais atividades eram autogestionárias, na edição 2005 todas as atividades são autogestionárias. A programação das atividades também está sendo proposta por organizações de todo o mundo, que convidam os palestrantes que desejam para sua atividade.

O objetivo principal desta mudança é assegurar a diversidade, ampliar a participação e construir articulações de interesses comuns em todo o mundo, possibilitando que, em todo o processo preparativo do Fórum, as organizações dialoguem e proponham atividades conjuntas e ações articuladas durante e depois do evento.

Foram registradas 2.554 atividades, propostas por 3.982 organizações de 111 países. As datas e os horários de realização de atividades serão definidos pelo Comitê Organizador. Haverá três turnos para realização das atividades durante o Fórum: das 8h30min às 11h30min; das 12h às 15h e das 15h30min às 18h30min. Um quarto horário, das 19h às 21h, será reservado para atividades de articulação estratégica entre organizações para compor ações comuns.

ESPAÇOS TEMÁTICOS

Os espaços temáticos são núcleos para a realização das diferentes atividades do FSM, com auditórios, salas, estandes e tendas. Mais do que instalações físicas, são locais de aglutinação de agendas, lutas, sujeitos políticos e de encontros convergentes para aumentar as possibilidades de alianças entre diferentes campanhas e transformar o espaço do Fórum na con-

formação de ações práticas para a construção de um outro mundo possível.

1. Afirmando e defendendo os bens comuns da Terra e dos povos – como alternativa à mercantilização e ao controle das transnacionais;
2. Arte e criação: construindo as culturas de resistência dos povos;
3. Comunicação: práticas contra-hegemônicas, direitos e alternativas;
4. Defendendo as diversidades, pluralidade e identidades;
5. Direitos humanos e dignidade para um mundo justo e igualitário;
6. Economias soberanas pelos e para os povos – contra o capitalismo neoliberal;
7. Ética, cosmovisões e espiritualidades – resistências e desafios para um novo mundo;
8. Lutas sociais e alternativas democráticas – contra a dominação neoliberal;
9. Paz e desmilitarização – Luta contra a guerra, o livre comércio e a dívida;
10. Pensamento autônomo, reapropriação e socialização do conhecimento (dos saberes) e das tecnologias;
11. Rumo à construção de uma ordem democrática internacional e da integração dos povos.

TERRITÓRIO SOCIAL MUNDIAL

O FSM 2005 ocorrerá na região central da cidade, em espaços mais integrados com a população de Porto Alegre. Esta área, denominada Território Social Mundial, engloba os armazéns do Cais do Porto, a Usina do Gasômetro, especialmente os Parques Harmonia e Marinha do Brasil, e outros locais na orla do Lago Guaíba, onde serão construídos espaços temporários para as atividades. Além dos espaços de debates, os locais terão pólos de multiserviços, com infra-estrutura para alimentação, sanitários, serviços de informações, telefonia, internet e segurança, integrados com áreas culturais, o que vai facilitar, entre outras coisas, a convivência e a interação.

As obras para a construção de mais de 500 tendas temporárias iniciaram na primeira semana de dezembro. Serão mais de 150 salas e auditórios, com capacidade variando de 50 a mil lugares, distribuídos nos 11 Espaços Temáticos para sediar centenas de atividades propostas por milhares de organizações de todo o mundo. Também serão instaladas mais de 300 tendas para abrigar feiras, organizações, credenciamento, locais de alimentação e palcos.

As primeiras construções serão erguidas em frente aos armazéns do Cais do Porto: 18 espaços de 78m², com capacidade para 100 lugares, feitos de alvenaria leve e telhas recicladas (tetrapac).

No Parque Marinha do Brasil a maioria das instalações será feita em lona. Também serão instalados cabos elétricos e lógicos no trecho das atividades. Estas obras de infra-estrutura possibilitarão que todas as salas tenham computadores, sonorização, iluminação e climatização.

O mundo diante da
reeleição de Bush

● PAULO FAGUNDES VISENTINI

Professor titular de História e pesquisador do NERINT/UFRGS

A vitória eleitoral do candidato Republicano e atual presidente, George W. Bush, não significa mera continuidade da política norte-americana, assim, como um triunfo do senador Democrata John Kerry não teria representado uma mudança. O que a reeleição evidencia é a afirmação de um padrão, que sinaliza um aprofundamento de tendências que vinham se desenvolvendo nos Estados Unidos e na política mundial, que se tornam irreversíveis no médio prazo.

A ASCENSÃO DOS NEOCONSERVADORES

Essas tendências, impulsionadas por um grupo político, empresarial e militar da elite americana representam uma das estratégias propostas para a liderança mundial, formulada com o fim da Guerra Fria. Inicialmente na oposição, esse grupo ultraconservador e partidário de posições de força no plano internacional, já se manifestava desde o segundo mandato do presidente Clinton, explorando o escândalo Monica Lewinsky, entre outros.

Acreditando que Bush pai e Clinton não haviam tirado o devido proveito da inédita posição de poder que os EUA detinham desde o fim da URSS, pregavam ações unilaterais e, se necessário, agressivas, para afirmar os interesses americanos em certas áreas, como o controle de recursos e regiões estratégicas. A guerra do Kosovo e os ataques aéreos ao Iraque, em 1999 e 2000, durante o governo Clinton, foram avanços dessa política dentro do Estado, preço que o presidente pagou para evitar um *impeachment*. Conquistando a presidência por meios nebulosos, esse grupo experiente exerce então o poder à sombra do presidente, que serve de cobertura a *fulcões* que serviram os governos Reagan e de seu pai, e que depois refluíram para Fundações privadas de grande influência.

A nebulosa do terrorismo islâmico e os atentados de 11 de setembro de 2001 criaram o cenário ideal para a ação do grupo, embora desde a posse de Bush sua linha de ação já houvesse se manifestado. A Nova Agenda de Segurança, formalizada em 2002, explicitou os meios de ação, gozando da imensa legitimidade de uma nação agredida, lutando contra um inimigo infame. Mas a ocupação do Afeganistão não trouxe a paz e a estabilidade, e a lista de novos objetivos foi formulada a partir dos antigos desastres do *Eixo do Mal*. Enquanto isso, no plano interno medidas conservadoras cerceavam os direitos civis e as conquistas obtidas pelas minorias, em meio ao "moralismo" chocante do fundamentalismo cristão.

PERFORMANCE DUVIDOSA

A guerra contra o Iraque representou a "travessia do Rubicom", afastando aliados que constituíram o *Eixo da Paz* (Paris, Berlim, Moscou, ONU), por oposição ao *Eixo da Guerra* (Washington, Londres, Roma). Mas o tom crítico da comunidade internacional não demoveu a Casa Branca, e o atoleiro iraquiano trouxe à memória os tempos da guerra do Vietnã. A própria sociedade americana começou a se dividir.

Todavia, apesar da estagnação econômica, do desaparecimento de três milhões de empregos, dos escândalos financeiros, da ineficiência militar, do crescente sentimento antiamericano e das medidas cerceadoras das liberdades domésticas, Bush se tornou um líder popular, pois a América estava em guerra e a população demandava um comandante, com propostas simples e medidas concretas de impacto, e não um simples presidente. Ao rejeitar o Protocolo de Kyoto, Bush passou a contar com a simpatia de milhões de empregados de usinas americanas obsoletas.

Assim, a reeleição foi tranquila, pois, afinal, o candidato democrata (da ala direita do partido) propunha mais alterações de forma do que de conteúdo. Então, para que mudar? Além disso, era considerado de estilo "europeu" e elitista, enquanto Bush falava a linguagem simples que o homem comum compreendia e no tom que necessitava após o 11/9. A denúncia das torturas de Abu Garib e as manipulações justificadoras da guerra chocaram apenas o americano liberal e intelectualizado, mas pouco efeito tiveram junto à massa da população.

A consagração eleitoral, seguida da promessa de "mais do mesmo", prenuncia não apenas a consolidação e o aprofundamento da política vigente, mas igualmente um governo mais do presidente e menos de assessores que lhe faziam sombra ou divergiam das diretrizes. Contudo, numa relação dialética, é possível que num segundo momento, tendo sido atingidos alguns objetivos, o presidente venha a fazer certas concessões a aliados e a buscar aquilo que Kerry pregava, uma liderança compartilhada (ao menos nos custos).

A FORÇA (RELATIVA) DA AMÉRICA

Os elementos de força serão, a partir de agora, empregados de forma ainda mais direta. Estabelecer uma fachada de normalidade no Afeganistão e no Iraque, negociar algo quanto à Palestina, mas, sobretudo, articular forças contra o Irã, Cuba, Coreia do Norte, Sudão e apertar o cerco à Rússia e à China. Quanto ao velho continente, apesar da defeção espanhola, Bush parece estar na ofensiva, levando a União Européia a engajar-se ao lado da oposição ucraniana contra os interesses dos próprios europeus, enquanto buscará inviabilizar a política externa e de defesa comuns.

A falta de respeito por regras estabelecidas facilita o *policy making* de Washington, em contraposição à lentidão da resposta europeia. Assim, Bush se decidirá a negociar apenas quando julgar que os interesses mais importantes dos EUA já tenham sido atingidos. O Brasil e outros pólos regionais afastados das regiões estrategicamente sensíveis, por sua vez, continuarão a gozar de certa margem de autonomia. Sobreviverão se souberem articular projetos consistentes e alianças internacionais adequadas, durante a fase de engajamento americano contra o ventre petrolífero e estratégico da Eurásia.

O CRESCENTE MAL-ESTAR AMERICANO

Contudo, o uso da força não é o único nem o mais desejável recurso da política, se não for acompanhado de outras medidas que venham a produzir consenso. Os ex-aliados europeus estão sendo levados a um maior protagonismo internacional, o que também se observa no caso da Rússia e da China, que estão buscando uma rede de alianças, inclusive com nações geograficamente antípodas, como o Brasil. Além disso, a desorganização que a Casa Branca está promovendo no sistema político e econômico internacional, ameaça a estabilidade do planeta, como alertam diplomatas, militares e empresários. A novidade, contudo, é o mal-estar interno dos próprios Estados Unidos e a perda de simpatia externa. O mundo observa, apreensivo, a América lutar contra os inimigos e contra si mesma, sem reverter os fatores que contribuem para seu declínio.

ATUALIDADE

Livro mostrará fauna preservada do Parque Estadual de Itapuã

● **SONIA TORRES**
Jornalista

A publicação é dirigida a cientistas e administradores de parques ambientais, mas pode ser entendida pelo leitor comum, pois mantém o rigor científico numa linguagem acessível e com apresentação atraente.

A biodiversidade da fauna do Parque Estadual de Itapuã, localizado no encontro do Lago Guaíba com a Laguna dos Patos, no município de Viamão, está sendo compilada em um livro. Essa idéia partiu da professora Helena Romanowski, da disciplina de Inventariamento de Fauna e Avaliação de Biodiversidade do Curso de Ciências Biológicas da UFRGS, que coordena o projeto juntamente com a bióloga Helena Jongh, executora da edição. Além de Helena, fazem parte da equipe organizadora os biólogos Gerson Buss, Ostília Oliveira Marchiori e Cristiano Agra Iserhardt, e a acadêmica de Biologia e bolsista da Proreitoria de Extensão Luciana Weiler. A obra, que será publicada pela Editora da UFRGS, tem o apoio da administração central da Universidade e da Secretaria Estadual do Meio Ambiente.

BIODIVERSIDADE RICA

A área foi escolhida por apresentar um ambiente peculiar, uma vez que reúne elementos de todos os domínios morfo-estruturais do Estado, com influências da Mata Atlântica, do Planalto Basáltico Médio e da Planície Costeira. "Este parque é muito rico e, para nossa conveniência, é relativamente próximo de Porto Alegre. Por todos esses motivos, há mais de dez anos vêm sendo realizadas pesquisas no local. Além do curso de Geologia, os departamentos de Botânica e Ecologia também realizam pesquisas lá", diz Romanowski.

Com uma área de 5,5 mil hectares, o Parque estadual de Itapuã integra ambientes de lagoas, banhados, restingas, campos mistos e matas. A diversidade de ambientes torna a área extremamente relevante para o desenvolvimento de estudos científicos e atividades de pesquisa, ensino e extensão, considerando a especificidade das relações existentes entre os organismos e os habitats que ali ocorrem.

A idéia do livro surgiu a partir do trabalho com o Laboratório de Bioecologia de Insetos e por meio de dissertações e teses, principalmente com bugios, borboletas, libélulas, galhadores (pequenos insetos parasitas que põem ovos dentro do tecido da planta e formando uma espécie de verruga denominada galha) e trips (minúsculos insetos muito comuns em flores). "Concomitantemente, tivemos há cinco anos uma reforma do currículo no curso de Biologia, com ênfase em uma formação mais aplicável, mais direta e profissionalizante", diz a coordenadora. A partir daí, foram criadas novas disciplinas no Departamento de Zoologia, assim como em outros setores ligados à área de inventariamento de fauna. A professora é coordenadora de duas dessas disciplinas: Zoologia Ambiental e Inventariamento de Fauna, e Avaliação de Biodiversidade.

DADOS ACUMULADOS

Ao longo do desenvolvimento dessas disciplinas, são feitas visitas com os alunos ao Parque. Nessas ocasiões se propõem problemas de inventariamento de fauna, para que os alunos elaborem um projeto, proponham métodos, façam a pilotagem, a amostragem e um relatório, como se fossem profissionais a quem tivesse sido encomendado um



As autoras mapearam a área onde vivem bugios e grande variedade de insetos

RICARDO DE ANDRADE

trabalho. De acordo com a professora, "são aulas práticas, que propiciam uma infinidade de dados que foram se acumulando, surgindo assim, registros de espécies novas e de outras cuja existência nem se conhecia no Estado".

Outro aspecto importante: além de poder compilar informações em grande parte ainda não publicadas, se observa cada vez mais a necessidade de levar à população o conhecimento da fauna do Rio Grande do Sul. Mas a professora alerta: "Fauna selvagem nativa não é leão, não é tigre. Temos outras coisas aqui. Apesar da degradação ambiental, ainda existem muitas espécies silvestres que a população pode visitar, descobrindo como eles vivem, porque são importantes para nós, e o que podemos fazer para conservá-los. Ou seja, educação ambiental".

Segundo a organizadora, o livro pretende cobrir o maior número de grupos de animais possível (moluscos, insetos, peixes, anfíbios, répteis) que proporcionarão um quadro geral da fauna. É essencial que seja acessível, atraente e de consulta fácil, de maneira que possa ser utilizado tanto por escolas como por administradores da área ambiental. Precisam conter o básico em linguagem facilitada, mas com rigor científico. Assim, poderá servir de guia de campo, apresentando dados biológicos com um pouco mais de aprofundamento científico. Essas informações virão separadas do corpo principal do texto, de modo a não interromper a fluxo de leitura no caso do público leigo e unir conhecimento e lazer.

O intuito é registrar a fauna do Brasil meridional, uma vez que sobre grande parte das espécies listadas não há dados publicados. Também se quer divulgar os estudos específicos que foram realizados por cientistas, pesquisadores, professores e alunos de graduação e pós-graduação da UFRGS. Será importante para a própria administração do Parque e para guias locais, já que o texto oportunizará a avaliação de planos de manejo das diversas espécies, que terão seus passeios de trilhas interpretativas

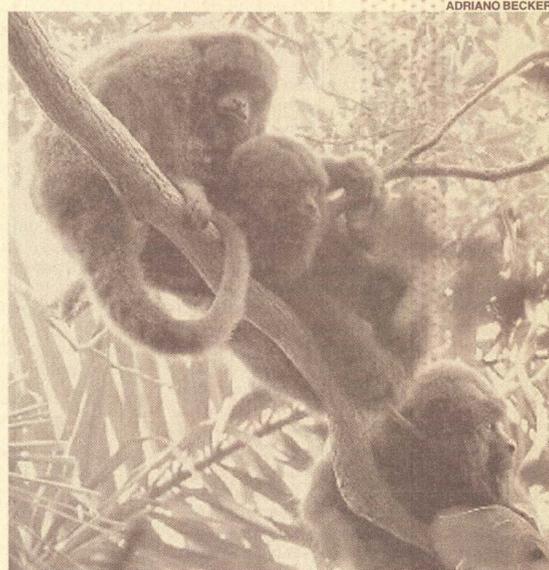


enriquecidos. Como o trabalho é realizado em uma área que representa a fauna do Estado, poderá ser útil não somente para guias em Itapuã, mas também para os de outras regiões.

COMO SE FAZ UM LIVRO

Como tarefa inicial, as organizadoras tiveram o trabalho de compilar os currículos dos autores dos vários capítulos. Também se preocuparam em buscar as informações de como produzir esse livro, em um aspecto mais prático e real, ou seja, o tipo de papel empregado, o formato, tiragem de primeira edição. "Aos poucos, na medida da necessidade, buscávamos em determinados setores da Universidade o apoio e as informações imprescindíveis para dar continuidade ao trabalho. Mantivemos contato com a Editora da Universidade para saber o que envolve a publicação de um livro, incluindo questões legais relativas à autoria e à publicação de um trabalho e, também, na Biblioteca Central da UFRGS, que mantém um escritório regional da Biblioteca Nacional, onde são registrados os direitos autorais de todos os livros que são publicados."

O livro terá cerca de 350 páginas fartamente ilustradas com fotos coloridas de qualidade, 19 capítulos e um glossário. Uma parte da tiragem de 3.000 exemplares será distribuída em universidades, órgãos públicos e estaduais relacionados às questões do meio ambiente, e também às 39 Coordenadorias Regi-



ADRIANO BECKER



CRISTIANO AGRA ISERHARDT

onais de Educação do Estado. Também será encaminhado às bibliotecas de escolas públicas dos cerca de 500 municípios gaúchos. Outra parte estará sendo colocada à disposição do público nas livrarias.

No capítulo introdutório traz a história da área de Itapuã, como foi efetivado o parque, qual é a situação atual, geologia da área, vegetação, com considerações sobre a conservação dos grupos animais e a função de cada um na natureza. O estudo sobre a ocorrência de determinada espécie serve como indicador ambiental. Por exemplo: sabendo quantas espécies de galhas existem em uma área, teremos um indicador de quantas espécies vegetais ali ocorrem.

As organizadoras pretendem que este seja um livro de qualidade do Atlas Ambiental. O trabalho de compilação tem sido realizado com mais intensidade de um ano e meio para cá, quando a idéia começou a tomar corpo, fazendo com que a comissão se organizasse para tomar as providências necessárias. "Não tínhamos experiência de publicação e de tudo o que envolve a confecção de um livro, como a editoração e fotografias", conta Helena Jongh.

O livro é a primeira parte de um projeto de extensão e, como continuação, o grupo pretende fazer uma exposição itinerante, a partir do Departamento de Zoologia. "Também pretendemos fazer folders plastificados que sirvam de guias de campo. Isso tudo está dentro do projeto de extensão "A Fauna do Parque Estadual de Itapuã", destaca a bióloga.

Governo retoma Projeto Rondon com 40 universidades

Uma nova versão do Projeto Rondon está sendo implantada pelo Ministério da Defesa com a colaboração do Ministério da Educação e deve começar a funcionar a partir de 2005. Das 124 instituições de ensino superior que apresentaram propostas, 40 foram selecionadas para a Fase de Diagnóstico da Operação Nacional 2005, primeira etapa do Projeto. Serão desenvolvidas ações nos municípios amazenses de São Gabriel da Cachoeira, Tabatinga, Tefé, Yauraré, Maturacá, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, Santo Antônio do Içá, Caruarí, Eirunepé, Fonte Boa, Coari e Santa Isabel do Rio Negro.

A finalidade é realizar levantamento para identificar e analisar problemas e necessidades das comunidades escolhidas, a fim de reunir subsídios e orientar o planejamento das operações mais amplas a serem executadas. As equipes envolvidas devem ser formadas por cinco pessoas, sendo um professor-coordenador e quatro estudantes de áreas variadas. A retomada do Projeto foi sugerida pela União Nacional dos Estudantes (UNE).

A responsabilidade pela condução política e pelas definições estratégicas do Projeto Rondon está a cargo do Comitê de Orientação e Supervisão, constituído por representantes do Ministério da Defesa, órgão coordenador, e dos Ministérios da Educação, da Integração Nacional, da Saúde, do Desenvolvimento Agrário, do Desenvolvimento Social, do Esporte, do Meio-Ambiente e da Secretaria-geral da Presidência da República. Cabe ao Comitê elaborar as diretrizes gerais e decidir sobre possíveis medidas de alcance mais amplo.

PROPOSTA DA UFRGS

Para a fase de diagnóstico, a UFRGS foi selecionada com a equipe da professora Rosinha da Silva Machado Carrion, socióloga com doutorado em Administração e que coordena as alunas Beatriz Centenaro Hellwig (Administração), Cristiane Kelle (Farmácia), Gabriela Broilo (Ciências Biológicas) e Michelli de Oliveira Schneider (Geografia). A seleção foi feita por uma comissão composta por representantes das pró-reitorias acadêmicas e da Câmara de Extensão.

Baseada em uma pesquisa que já vem sendo desenvolvida em regiões metropolitanas de Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte, a proposta de Rosinha se realiza em dois setores da Economia Solidária, por meio de observação de cadeias de empreendimentos populares, que são a do reciclado sólido (com catadores cooperativados), e a de complexos de cooperativas autogestionárias de metalurgia.

A pesquisa já tem andamento mundial, com coordenação está localizada na Universidade de Quebec, Canadá, sob o título "Produção de Riqueza em Contexto de Precariedade", e mantém trabalhos na América Latina e na África. A coordenadora diz que o Projeto vai "ampliar a visão de Brasil, partilhando uma oportunidade rica de alargar competências sociais dos estudantes em situações diferentes das experiências urbanas e vai contribuir para a dinâmica de desenvolvi-



Em 1968, na Amazônia, gaúchos entram em contato com outra realidade brasileira

mento do país". A localidade de atuação do grupo da professora Rosinha é Tefé, no Amazonas.

A Comissão de Avaliação de Propostas do Projeto Rondon, instituída pelo Ministério da Defesa, procedeu a seleção baseada em critérios estabelecidos em edital, nos quais são exigidos experiência, qualificação da instituição, mérito acadêmico, equilíbrio das ações propostas, currículo dos professores, além do desempenho acadêmico dos estudantes. A participação dos alunos contará como crédito nas grades curriculares das instituições de ensino superior. Por volta de 200 mil estudantes participaram da primeira fase do programa, que se realizou na região do Alto Solimões e no Vale do Juruá (AM). De acordo com o MEC, o programa será futuramente estendido à Região Nordeste e às periferias das grandes cidades.

A idéia de levar universitários a conhecer a realidade brasileira surgiu em 1966. Em 1968, o trabalho expandiu-se para a

Amazônia e Mato Grosso, com 648 universitários. No ano de 1970, o Projeto Rondon transformou-se em órgão autônomo da administração direta e, em 1975, pela Lei 6.310, tornou-se a Fundação Projeto Rondon.

DEPOIMENTOS DE EX-RONDONISTAS

Para os ex-rondonistas Alberto Jorge Woelfert, médico especialista em mastologia, e Marco Antônio Comissoli, engenheiro, integrantes da turma de 1968, os desafios se apresentaram de forma grandiosa. De um lado, os mistérios da Floresta Amazônica, de outro, a miséria extrema e a falta de assistência à população, aliadas ao desconhecimento dos métodos de produção de alimentos e à higiene precária.

Participaram estudantes de áreas variadas: Medicina, Engenharia, Farmácia, Arquitetura e Odontologia. "Viajamos primeiro ao Rio de Janeiro, ficamos um dia na Escola Naval, depois fomos de avião para Manaus, e lá começamos a distribui-

ção do pessoal. Eu e mais cinco estudantes fomos deslocados para a cidade de Lábrea, localizada a 750 quilômetros de Manaus, nas margens do Rio Purus", conta o médico. Ao todo foram 40 dias, desde a saída de Porto Alegre. Como não tinha estrada ou campo de pouso, o transporte de passageiros era feito por hidroviões Catalina.

De acordo com Woelfert, a questão da higiene também era complicada. "Eles colocavam uns pranchões flutuantes na margem do rio, para ser usado como banheiro e local de lavagem de roupas ao mesmo tempo". O médico garante que o trabalho com a população local foi muito gratificante. "Nunca me senti tão útil: tinha filas de pacientes para atender".

O grupo contava com dois médicos em final do curso para atender às enormes filas de pessoas que os procuravam. "Quando souberam que havia médicos no lugar, começaram a aparecer gente de todo lado. Passávamos o dia atendendo casos que só tínhamos visto em livro, porque quando não há atendimento, as doenças tornam-se patologias avançadas que aqui no Sul não se vêem mais. As doenças que mais ocorriam eram malária, asma, lepra e verminoses", explica.

O engenheiro Marco Antônio Comissoli conta que em 1968 não houve organização prévia. "Me perguntaram para onde eu desejava ir, e eu disse que para o ponto mais distante, o último lugar onde o avião pudesse chegar". Então, descobriu que o lugar mais distante possível era a localidade de Vila Bitencourt, ou Japurá, como era conhecida. É o local onde o Rio Japurá entra no Brasil, na fronteira com a Colômbia e o Peru.

Comissoli lembra que os grupos formados de extensionistas eram multidisciplinares, e todos faziam de tudo um pouco. "Eu vacinei as pessoas, o outro ajudou a castrar porcos e todos ajudaram a fazer um parto." O mais interessante, segundo Marco Antônio, foi a possibilidade de construir uma estação de tratamento de água com material enviado pelo Exército. "Num galpão, descobri 300 sacos de cimento e uma série de peças e pedaços de equipamentos, que percebi serem de uma estação de tratamento de água. E me propus o desafio. Pedi a ajuda de um pelotão de soldados e iniciei a montagem." Marco Antônio não chegou a ver a estação funcionando, pois teve de partir antes, porém pouco depois soube pelo então coordenador nacional do Projeto Rondon, coronel Mauro Rodrigues, que a estação estava funcionando.

"A experiência que tivemos é impagável e valeu para o resto da vida. Aprendemos a verdade do que é o Brasil, sobretudo para nós, criados em cidades grandes e que jamais poderíamos ter noção do que é o sertão ou a floresta. Muda-se completamente a visão do que é o nosso país." Comissoli comenta que altera, inevitavelmente, a visão social, o conhecimento das necessidades das pessoas e de suas prioridades. "Era impossível nos imaginarmos vivendo ali", diz. "A impressão que tivemos é de que morreríamos em três dias (ri) e, no entanto, ver aquelas famílias procriando e crescendo quase sem nada, nos fez mudar os conceitos de vida." (ST)

CAMPUS

Lula sanciona lei que incentiva inovação e pesquisa

No início de janeiro, será assinado decreto de regulamentação da lei que favorece setor empresarial e universidades.

No dia 2 de dezembro, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Finep, no Palácio do Planalto, em Brasília, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei de Inovação. Ela é o resultado de muita discussão e expectativa, sua primeira versão é do tempo de FHC, em 2002. Pelos planos do governo, o decreto de regulamentação da lei seria assinado no mesmo dia de sua sanção, mas isso não foi possível, devido ao pouco tempo para análise e discussão por diferentes setores. O decreto deverá ser assinado até o início de janeiro, segundo a presidência. Tanto o setor empresarial (industrial, agropastoril e serviços), quanto as universidades e demais instituições de pesquisa, vivem a expectativa da aplicação da lei, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo.

Na concepção da lei, o conceito de inovação é a introdução de novidade ou de aperfeiçoamento no ambiente produtivo ou social que resulte em novos produtos, processos ou serviços. Para sua aplicação, prevê a atuação de agências de fomento, públicas ou privadas, com o objetivo de financiamento de ações para estimular e promover ciência e tecnologia. Há também as instituições de apoio a projetos de pesquisa, ensino e extensão e de desenvolvimento institucional, científico e tecnológico. As universidades estão na categoria ICT – instituição científica e tecnológica – junto com os centros de pesquisa e instituições afins.

A lei também especifica aqueles que produzem conhecimento: os pesquisadores públicos e os inventores independentes. Os primeiros são funcionários públicos que realizam pesquisa básica ou aplicada de caráter científico ou tecnológico. Os inventores independentes são indivíduos sem vínculo com o serviço público, autores de algum invento. Esses últimos têm presença menos marcante no texto sancionado, mas podem resultar em muita discussão. Segundo a lei, desde que o inventor comprove um pedido de patente, ele poderá solicitar a adoção da sua criação por uma ICT, gerando uma demanda muito grande da análise destas invenções na qual “a universidade acaba se transformando em um órgão como um instituto de patentes”, critica o pró-reitor de Graduação, Carlos Alexandre Netto.

Mas é com relação à figura do pesquisador público que a preocupação é unânime. Entre outras especificações, a lei prevê seu licenciamento para trabalhar junto às empresas por um período de três a seis anos. Se, por um lado, há o problema do gerenciamento público para atender a falta que esse professor-pesquisador fará à universidade, até porque o tempo para um substituto é de até dois anos, por outro lado, as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) já sofrem a carência da reposição de seus quadros. “A UFRGS, por exemplo, tem hoje 500 professores substitutos e 2.000 do quadro, totalizando 2.500 professores ou seja, a quinta parte do corpo docente é composta por substitutos, um exagero”, reclama o pró-reitor. Há também o caso dos professores licenciados sem remuneração para constituir empresa com a finalidade de desenvolver atividade empresarial relativa à inovação. Mais polêmica vem por aí.

Para o pró-reitor de Pesquisa, Cesar Augusto Zen Vasconcellos, é necessária uma análise cuidadosa quando a lei fala de retribuição pecuniária sob a forma de adicional variável com recursos arrecada-

dos no âmbito da atividade contratada. No entendimento do professor, “este aspecto da lei poderá criar classes antagônicas e divergentes de pesquisadores nas ICTs, aqueles que realizam investigação voltada para o mercado – e que teriam assim maior disponibilidade de recursos para seus estudos – e aqueles que não realizam pesquisa com tal fim”. Ele teme o desvirtuamento da função primordial das universidades.

PARTICIPAÇÃO NOS GANHOS

Com base em sua experiência à frente da Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico – que tem por objetivo fornecer à sociedade as condições necessárias à valorização e transferência do conhecimento científico e tecnológico gerado pela UFRGS – a professora Maria Alice Lahorgue destaca aspectos positivos da lei. Um deles diz respeito à participação da universidade nos lucros resultantes da comercialização dos produtos inovadores. O que hoje acontece é um retorno irrisório frente à capacidade instalada em termos de “massa cinzenta”, de equipamentos e de ambiente de que o empresário emergente se beneficia através da estrutura de incubação oferecida pela Universidade.

Neste sentido, conforme avaliação da especialista, “a lei transforma uma relação que muitas vezes é informal em uma relação contratual e transparente”. Opondo-se ao que muita gente pensa, Lahorgue considera que esta situação torna pública as empresas e não transforma as universidades em instituições privadas. E reforça: “É uma forma efetiva da universidade se resguardar, assim como seus interesses”.

AVALIAÇÃO DOS PAPÉIS

A capacidade de inovação do setor produtivo brasileiro e o conhecimento acumulado no país, que pode gerar o desenvolvimento de uma tecnologia própria, são aspectos que referendam a importância da criação de uma lei de inovação que venha não só aproximar as instituições de pesquisa e o setor industrial, como também regrar estas relações. O pró-reitor de Pesquisa da UFRGS, Cesar Vasconcellos, avalia a relevância da questão no mercado brasileiro: “A implantação de um sistema de inovação é uma forma de o país superar o fato de que os empresários muitas vezes compram tecnologia do Exterior que poderia ser desenvolvida aqui dentro. É uma ação efetiva no sentido de superar as barreiras tecnológicas e tornar nossos produtos mais competitivos no mercado externo. Acredito também que é uma oportunidade que permite ampliar o mercado de trabalho para os egressos da pós-graduação brasileira. Já está provado que os países inovadores são os que mais vendem no Exterior.”

Para o pró-reitor de Graduação, Carlos Alexandre Netto, “as universidades já vêm fazendo seu dever de casa”, mas ele alerta sobre os papéis de cada um dos atores neste cenário de inovação: “As universidades têm assumido de maneira bastante adequada o seu papel na questão da geração de novos conhecimentos e na geração de idéias inovadoras. Mas transformar idéias inovadoras em produtos inovadores não é tarefa das instituições de ensino superior, é papel da empresa, das indústrias”. Imersos em uma cultura brasileira que vê o fluxo de inovação mais no sentido dos pesquisadores para as empresas, o pró-reitor critica esta postura: “O que falta principalmente para o Brasil são empresas fortes que apostem em inovação”.

Sobre essa questão, a secretária de Desenvolvimento Tecnológico, Maria Alice Lahorgue, embora reconheça a importância da nova lei, não lhe atribui qualquer função messiânica: “Um fato precisa ficar

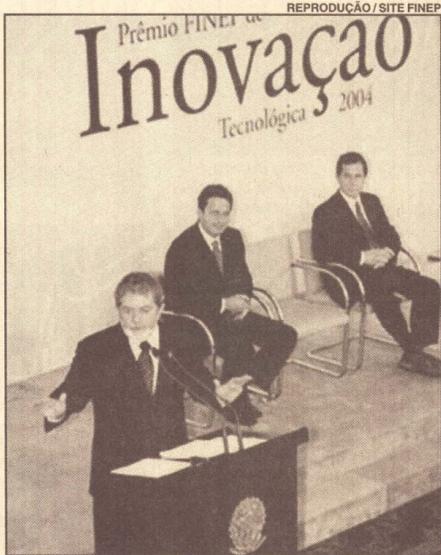
bem claro: a lei não visa a ciência, ela procura facilitar o caminho que leva à inovação. Ou seja, a passagem do conhecimento – 90% do qual é produzido nas instituições públicas – para o mercado dentro do conceito de inovação. Então não dá para ver a lei com cabeça de ciência. Sua aplicabilidade é sobre inovação, e temos que entendê-la desta forma”.

Por outro lado, Lahorgue concorda com Netto quanto à necessidade da definição de papéis, principalmente na defesa dos conceitos de universidade e pesquisa. “Precisamos ter um lugar onde o pesquisador pesquise porque quer pesquisar, isso temos que defender até a morte. Essa garantia torna-se premente, pois é cada vez mais disseminada a idéia de que as universidades são as minas de ouro do Século 21”, complementa a secretária.

Para o professor César Vasconcellos as diferenças de opiniões quanto às questões mais polêmicas da lei fazem parte do ambiente democrático e devem ser amplamente discutidas para viabilizar as melhores soluções. “O essencial em toda esta discussão é que as políticas de inovação tecnológica, amparadas em lei, são fundamentais na criação de ambientes institucionais multifacetados, propícios para o incremento do desenvolvimento científico e tecnológico do País.”

Ele ressalta que iniciativas como a lei de inovação refletem o desejo geral de que a integração entre os diferentes atores envolvidos no processo de inovação no País resulte no desenvolvimento de novos produtos e processos, essenciais para a inserção definitiva da nação brasileira no contexto geopolítico mundial, de forma soberana e socialmente comprometida. “É o desejo pela integração entre os distintos atores que participam das ações criativas que levam à geração e disseminação do conhecimento e do saber nos campos da ciência, tecnologia e inovação.”

O texto na íntegra da lei de Inovação Tecnológica pode ser acessado na página: http://www.mct.gov.br/legis/leis/10973_2004.htm. (JCS)



Lula, o ministro Eduardo Campos e o presidente da Finep, Sergio Machado Rezende

LTM ganha prêmio Finep 2004

O Laboratório de Tecnologia Mineral e Ambiental (LTM) do Departamento de Engenharia de Minas da UFRGS ganhou o prêmio Finep 2004 de Inovação Tecnológica/ Região Sul com o trabalho *Inovação para o tratamento otimizado e reúso de águas de efluentes líquidos urbanos e industriais*. A disputa envolveu mais 159 concorrentes do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, na categoria Instituições de Pesquisa. Este ano, a Finep inovou, realizando o concurso em duas etapas, a regional e a nacional, na qual concorreram as cinco finalistas das regiões centro-oeste, nordeste, norte, sudeste e sul. Embora na etapa nacional o LTM não tenha sido classificado, deixou impressionados tanto os membros do júri como seus concorrentes devido a capacidade criativa e produtiva de um laboratório de origem pública. Esta é avaliação do coordenador do laboratório, professor Jorge Rúbio, que no início de dezembro esteve em Brasília participando da etapa final e da cerimônia de premiação do concurso.

O prêmio Finep de Inovação destacou ainda as categorias: produto, processo, média/grande empresa e pequena empresa. Este ano a iniciativa teve um número recorde de empresas inscritas, foram 508 participantes. Até então, a edição com maior número de inscritos fora a de 2002, com 355. Fizeram parte do júri especialistas de entidades tecnológicas, de institutos e de universidades de cinco estados brasileiros. São parceiros do prêmio a Confederação Nacional da Indústria (CNI), Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpei), Academia Brasileira de Ciências (ABC), Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica (Abipti), Canal Futura, Centro para Inovação e Competitividade e a Petrobras, que investiu R\$ 100 mil no projeto.

FÁBRICA DE INOVAÇÕES

A notícia do prêmio Finep 2004 de Inovação Tecnológica/ Região Sul chegou no mês do aniversário de 25 anos do LTM, novembro. A ocasião foi marcada pelo encontro especial de avaliação entre os integrantes atuais e egressos do laboratório. “Na verdade, o LTM é uma fábrica de inovação”, comenta Jorge Rúbio, lembrando que nos últimos anos foram vários prêmios recebidos por trabalhos realizados no laboratório. Junto com alguns de seus alunos, ele desenvolveu o trabalho que rendeu o prêmio Finep 2004 ao grupo. Uma das aplicações deste processo é o reúso da água de lavagem de carros: “Se este procedimento for implantado em todos os postos de combustível do Brasil, teremos um retorno em termos de reúso de água de lavagem de veículos suficiente para abastecer uma população de dois milhões de habitantes”, contabiliza o coordenador.

Segundo ele, de 2001 a 2004 o LTM desenvolveu cinco inovações, quatro na área de tratamento e reúso de águas e acidentadas de petróleo e uma na área de tratamento de minérios. Uma delas diz respeito ao tratamento das águas oleosas em plataformas marítimas. Segundo Jorge Rúbio, a Petrobras já está colocando em todas as suas plataformas o processo de flotação desenvolvido pelo LTM para diminuir as emissões oleosas, possibilitando assim o enquadramento nos parâmetros do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA”. Outro recente parceiro de inovação do laboratório é a empresa chilena Corporação de Cobre do Chile - Codeuco. O LTM foi convidado a desenvolver trabalho na área do tratamento de minérios. Em breve, conforme o coordenador, a Codeuco vai poder optar por uma das três alternativas tecnológicas encontradas por sua equipe.

FOTO REPRODUÇÃO LTM



Jorge Rúbio coordena trabalho vencedor

Estudantes da Engenharia Elétrica conquistam Prêmio de Conservação de Energia

FOTO REPRODUÇÃO ESCOLA DE ENGENHARIA



Alunos premiados conhecem a empresa WEG em Jaraguá do Sul, Santa Catarina

Pela segunda vez, os estudantes da Escola de Engenharia Elétrica da UFRGS ganham o Prêmio WEG de Conservação de Energia, maior indústria de motores elétricos da América Latina, com sede em Jaraguá do Sul, em Santa Catarina. “O alunos ficaram entusiasmados porque mostraram sua competência em vencer esse concurso, concorrendo com outras 103 instituições de ensino superior”, comenta o professor Ály Ferreira Flores Filho, que coordenou o grupo de 18 estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Engenharia Elétrica. Embora a empresa não costume divulgar a classificação dos premiados para evitar comparações, Ály acredita que seus alunos tenham tirado o primeiro lugar: “o grupo da UFRGS foi o que respondeu em menor tempo: 3h55min”, os demais levaram em média 11 horas para responder as mais de 60 questões objetivas e dissertativas.

No dia 19 de maio, a partir das 8h, os alunos deveriam acessar as questões via Internet, tendo 24 horas para respondê-las. Antes da prova, os preparativos envolveram não só estabelecer uma sistemática de trabalho durante a realização das tarefas, mas também fazer algumas inferências sobre o que seria focado nas questões. Neste sentido, foi de grande ajuda a dica dos professores para que todos estudassem os catálogos técnicos da empresa para conhecer mais sobre os produtos e seu funcionamento. O que se confirmou mais tarde, na leitura das questões propostas formuladas com base nos equipamentos, sistemas elétricos de automação, de energia, de máquinas elétricas, de adições desenvolvidos e produzidos pela WEG.

Como prêmio os alunos tiveram todas as despesas pagas para visitar a sede da empresa em Jaraguá do Sul e conhecer de perto o funcionamento da produção de motores e equipamentos em escala industrial. Outra parte da premiação contemplou o Laboratório de Máquinas Elétricas, Acionamentos e Energia que ganhou uma bancada didática para uso em aula, testagem de equipamentos e de motores. Em 2001, o laboratório já havia recebido como prêmio uma bancada e agora ambas estão em permanente uso pelos alunos e professores. No total, o valor das duas bancadas é de R\$ 20 mil.

A equipe completa dos alunos vencedores é: Vagner Rinaldi, Diogo da Silva Costa, Marco Aurélio Lisboa Silveira, Luiz Fernando Gonçaves, Cristiano Casanova, Rafael Rihart, Halmann, Tiago Piazza, Fabio Augusto Bueno de C. Mello, Jorge Henrique M. Quadros, Daniel Giusti Meleu, Ricardo Fonseca Silveira, Miguel Moreto, Itamar Nogueira, Fernando Porrua, Carlos Eduardo de Melo Marcos, Álvaro Antpack, Luis Felipe Nilson Cabral e Rodrigo Porsche. Também contribuíram os professores: Roberto Petry Homrich, Luiz Tiaraju, dos Reis Loureiro, Gladis Bordin Schuch, Yeddo Braga Blauth e Romeu Reginatto.

VISÃO DA EMPRESA

Do ponto de vista empresarial, Ály salienta a importância deste tipo de iniciativa para a divulgação institucional e dos produtos da empresa mas salienta que é um momento de visibilidade para a qualidade da formação profissional desenvolvida nas universidades e nas escolas técnicas, uma vez que o Prêmio Fiergs abrange ambas categorias. “Embora não seja, acaba se tornando um processo seletivo na medida em que aponta quais são os melhores alunos e os melhores cursos de Engenharia Elétrica.” Aspecto importante já que o investimento em recursos humanos tem tornado-se estratégia cada vez mais adotada pelo Terceiro Setor com vistas a um melhor desempenho. “Para as universidades e centros de pesquisa é importante ter seus alunos e profissionais bem vistos e até contratados por estas empresas.”

Esta aproximação dos dois setores para o enfrentamento de um mercado competitivo cada vez mais globalizado prevê, segundo Ály, tanto a qualificação de seus recursos humanos como de seus produtos que, por sua vez, estão intimamente relacionados com a excelência de seus profissionais. “Empresas como a WEG, que até uns dez ou vinte anos atrás compravam tecnologia no exterior para produzir aqui, hoje não conseguem mais comprar esta tecnologia porque estariam adquirindo de competidores. Por isso é necessário gerar sua própria tecnologia para competir seriamente no mercado”.

A UFRGS completa 70 anos

●**ÉDINA ROCHA**
Jornalista

Em novembro, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul comemorou 70 anos de criação, com um concerto com a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre no Salão de Atos. Considerada uma das maiores e melhores do país, ocupa papel de destaque no cenário nacional pela qualidade e número de publicações, produções científicas e projetos de pesquisa e de extensão. Instituição forte e conceituada, a UFRGS está inserida no contexto da história gaúcha e se fortalece, também, através de parcerias firmadas com os governos estadual e municipal, além de empresas e organizações não governamentais.

A UFRGS administra um dos maiores orçamentos do Estado e abriga uma comunidade de mais de 30 mil pessoas. Em seus espaços circulam cerca de 20 mil alunos de graduação, 7.798 de pós-graduação, 1.900 professores e 2.400 servidores técnico-administrativos. Oferece 61 cursos de graduação, 126 de pós-graduação (62 mestrados, 55 doutorados e nove mestrados profissionalizantes), mantém uma escola técnica e uma escola regular de ensino médio e fundamental (Colégio de Aplicação). Possui mais de 300 prédios distribuídos pelos quatro campi (Campus Central, da Saúde, Olímpico e do Vale), além da Estação Experimental, com 1.600 ha, localizada no município de Eldorado do Sul.

Os estudantes da Universidade podem contar com o sistema de bibliotecas, formado pela Biblioteca Central e 32 setoriais, que constitui o terceiro maior acervo dentre as universidades brasileiras, possuindo um volume superior a 900 mil itens de informação. Dispõe de quatro restaurantes universitários, com capacidade para servir até 5.200 refeições por dia, e três casas de estudantes.

Hoje, a estrutura administrativa da instituição é composta por sete pró-reitorias (Coordenação Acadêmica, Graduação, Pesquisa, Pós-graduação, Extensão, Recursos Humanos e Planejamento), sete Secretarias e uma Coordenadoria. Possui 27 unidades de ensino de graduação, sendo 13 institutos centrais, 10 faculdades e quatro escolas, nas quais se distribuem 94 departamentos. As atividades são complementadas e apoiadas por 18 órgãos auxiliares, nove suplementares e dois centros de estudos interdisciplinares.

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO

A história da UFRGS começa com a fundação, em Porto Alegre, da Escola de Farmácia e Química, em 1895, seguida pela Escola de Engenharia, em 1896. Estas primeiras escolas profissionais iniciam também a educação de nível superior no Rio Grande do Sul. Ainda no século XIX, foram fundadas a Faculdade de Medicina de Porto Alegre e a Faculdade de Direito que marcou, em 1900, o início dos cursos humanísticos no Estado.

Do agrupamento dessas unidades isoladas e autônomas, coloca-

das sob a tutela do Estado pelo decreto nº 5.758, de 28 de novembro de 1934, foi criada a Universidade de Porto Alegre para "dar uma organização uniforme e racional ao ensino superior no Estado, elevar o nível da cultura geral, estimular a investigação científica e concorrer eficientemente para aperfeiçoar a educação do indivíduo e da sociedade".

A Universidade de Porto Alegre foi formada pela Escola de Engenharia, com os institutos de Astronomia, Eletrotécnica e Química Industrial; Faculdade de Medicina, com as escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio; Faculdade de Agronomia e Veterinária; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; e pelo Instituto de Belas Artes.

A denominação Universidade do Rio Grande do Sul, UFRGS, passa a ser utilizada a partir de 1947, com a incorporação da Faculdade de Direito, Faculdade de Odontologia de Pelotas e Faculdade de Farmácia, de Santa Maria. Em dezembro de 1950 a Universidade foi federalizada, passando à esfera administrativa da União, sendo denominada Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 1970, a reforma do ensino alterou a estrutura didática e administrativa da UFRGS. Os departamentos passaram a ser unidades fundamentais, reunidos em faculdades, institutos e escolas, que abrigam cursos de graduação e pós-graduação, laboratórios de pesquisa e projetos de extensão.

A Feira do Livro da gente

Durante 18 dias, a Praça da Alfândega voltou a abrigar a mais antiga feira do livro do Brasil realizada em caráter contínuo. A 50ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre, encerrada no dia 15 de novembro, deixou satisfeitos editores, livreiros e organizadores numa conjugação de números que atesta, mais uma vez, a amplitude do evento. Segundo dados divulgados pela Câmara Rio-Grandense do Livro - CRL, em 2004, o volume de vendas foi 6% maior do que no ano anterior, totalizando 498 mil exemplares adquiridos, numa frequência de público de um milhão e 900 mil pessoas, apesar dos dias chuvosos e dos feriados que se interuseram.

A Feira de Porto Alegre é um encontro diferenciado e, buscando garantir esta diferença, a CRL elegeu para a edição cinquenta o slogan *A Feira do Livro da Gente*, com o intuito de criar cumplicidade e comprovar a capacidade gaúcha de construir este palco, o maior a céu aberto do mundo, capaz de receber tal volume de visitantes, sem qualquer cobrança de ingresso. Estes são alguns dos fatores que distinguem a nossa Feira das demais no país, para além da poética dos jacarandás floridos, da moldura dos prédios históricos e da cumplicidade de todos nós que lá marcamos encontros com o livro, com os amigos, com os autores, com as idéias.

Já se anuncia para a próxima edição, dentro do Projeto Monumenta, uma alteração nos jardins com perspectiva de se abrirem espaços para a melhor movimentação do público na Praça da Alfândega. Waldir da Silveira, presidente da Câmara do Livro, informou ao final do evento que a próxima Feira contará com os armazéns A e B do cais, integrando definitivamente o porto à arquitetura do evento.

Nem tudo na praça gira em torno do livro, mas sim de seus possíveis conteúdos. Trata-se de um palco de idéias, debates e questionamentos para as mais variadas idades. Pode-se dizer que, dentro desta perspectiva, as crianças levam alguma vantagem, tendo em vista a preocupação dos organizadores no que diz respeito à formação de um público leitor. Sônia Zancheta, coordenadora da área infantil há oito anos (e da programação internacional pelo mesmo período) é a grande responsável por uma série de projetos que buscam aproximar o público infantil-juvenil do livro e do autor. A destacar o *Projeto Adote um Escritor* (um trabalho prévio, iniciado ainda em agosto, promovendo a leitura de autores gaúchos e a visita dos escritores em cerca de 100 escolas da rede municipal) e o *Projeto Asteróide* (este ano integrando 77 meninos e meninas de rua ao espaço da Feira, através de atividades que incluem desde higiene e alimentação, até a própria relação com o livro).

A cada edição, os organizadores da Feira vêm se preocupando em agregar novos públicos. Além dos já tradicionais frequentadores adultos, jovens e crianças, a programação do evento busca privilegiar interesses e despertar a atenção de pessoas da terceira idade, integrando ainda portadores de necessidades especiais e meninos e meninas em situação de risco. A lógica de atuação se estabelece tendo em vista uma sociedade composta por pessoas de toda ordem, e a *Feira do Livro da Gente* deve refletir este espectro. Os números traduzem a amplitude e os temas, a profundidade e a diversidade. A programação paralela do evento sistematicamente propôs a discussão de questões ligadas diretamente à evolução da literatura, desde a origem, a construção do livro enquanto objeto, os gêneros literários, a história até as transformações impostas por um mundo hoje sustentado por Internet, e-books e e-mails. Para além desta proposta, quem visitou os prédios históricos no entorno pôde participar de encontros em que um leque de temas se abria para os gostos mais variados como *aprendendo a lidar com os meios, sexualidade, razão x religião, a questão da água, prostituição infantil, prevenção de doenças geriátricas e a música erudita dos pampas*. Como se vê, nem tudo ao redor da Feira é livro, mas pode tornar-se dada a importância dos debates.

Donald Schüller, doutor em Letras e Livre-Docente pela UFRGS, ensaísta, tradutor, ficcionista e poeta, recebeu em 2003 o prêmio Jabuti pela tradução de *Finnegans Wake* de James Joyce. Schüller foi o patrono da Feira 50, reconhecido por sua ampla produção literária e acreditando no livro como veículo capaz de promover transformações sociais.

Pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 40 títulos tiveram sessão formal de autógrafos, compondo um painel representativo da produção editorial programada para este ano. Ainda marcando a presença da UFRGS, a Rádio da Universidade com o programa "Tempo de Livro", transmitido ao vivo com duas horas de duração, registrou ao longo de todos os dias cerca de 200 depoimentos de editores, artistas, livreiros e autores que fizeram a festa na Praça.

O público em 2004, de acordo com os dados da pesquisa divulgada pela Câmara do Livro e realizada pela Secretaria Municipal de Cultura, foi mais seduzido por autores estrangeiros, deixando pouco espaço para os gaúchos. Um dado a se refletir, dado o sucesso dos escritores locais em edições anteriores. Na categoria de auto-ajuda, a obra mais procurada foi *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu publicada por uma editora local na década de 70. Entre os religiosos, o destaque ficou com *A Era do Espírito* de Moacir de Araújo Lima. O primeiro lugar na lista das obras de ficção foi para *O Código Da Vinci* de Dan Brown e, na de não-ficção, para *Medicina Alternativa de A a Z*, de Carlos Spethmann. As crianças preferiram *O Livro Secreto dos Bruços* de Janice Kilby. A Câmara sempre justificou as escolhas das obras na lista dos mais procurados como sendo resultantes de uma feira de livros e não de literatura...

Muito mais ainda haveria a se ressaltar para tentar reconstituir o fenômeno que invade a cidade nestes dias de Feira do Livro. Do final de outubro até meados de novembro, um mundo de idéias chega até nós, em tempos de globalização da palavra. As imagens tradicionais do pipoqueiro, dos jacarandás floridos, dos livros em destaque nas barracas, do copo de chope, do palhaço vendedor de balões em forma de bicho se mesclam às presenças avulsas de escritores famosos e estreates, que também querem desvendar os corredores da Praça da Alfândega, descobrindo os próprios leitores ao lado de leitores que procuram outros livros. A Feira é um palco de cidadania, faça chuva ou faça sol. A cada edição, menos vulnerável aos efeitos do tempo e mais aberta a todas as idéias. (Rejane Salvi)



Wagner Tiso e Nana Caymmi, na terceira edição do projeto, lotaram o Salão de Atos

Um balanço da Série Piano e Voz

O Unimúsica promoveu 11 shows com grandes nomes da música brasileira, consolidando um projeto que entra em seu vigésimo-quarto ano de atuação na universidade

O Salão de Atos lotado; o público, na fila da bilheteria, tenta garantir os últimos ingressos disponíveis; no telão, uma chamada anuncia a programação mês a mês; nos corredores, a equipe de produção distribui o texto de um crítico musical apresentando os artistas daquela edição; no centro do palco, um majestoso Steinway à espera de mais uma grande dupla: um pianista e uma cantora cujo encontro, muitas vezes inédito, propiciou momentos memoráveis na cena musical do Rio Grande do Sul.

Em 2004, a Série Piano e Voz do Projeto Unimúsica contabilizou 11 espetáculos, reunindo nomes consagrados e jovens talentos da música brasileira. Além disso, foram promovidas sete oficinas em que os pianistas compartilharam experiências com estudantes e músicos profissionais, e dois seminários, dedicados ao debate sobre "Formação e Informação na Música Popular Brasileira".

Zé Miguel Wisnik e Jussara Silveira, Leandro Braga e Dona Ivone Lara, Nana Caymmi e Wagner Tiso, Benjamim Taubkin e Mônica Salmaso, Jovino Santos e Ithamar Koorax, Paulo Dorfman e Andrea Cavaleiro, Geraldo Flach e Virgínia Rosa, André Mehmari e Ná Ozzetti, Michel Freidenson e Badi Assad, Rafael Vernet e Fátima Guedes, Egberto Gismonti e Marlui Miranda, esse o time de artistas que vieram à UFRGS realizar espetáculos com entrada franca. Muito mais do que a repercussão alcançada

através da divulgação maciça na mídia, o sucesso do projeto deve ser creditado ao que Zé Miguel Wisnik chamou de "pioneirismo de um projeto que deveria servir de modelo às demais universidades do país". Esta avaliação não veio apenas dos artistas que participaram do projeto, mas também de jornalistas e professores da área da música como Juarez Fonseca e Arthur Nestrovski.

Numa avaliação, a coordenadora do Unimúsica e programadora cultural da Pró-Reitoria de Extensão, Lígia Petrucci, afirmou que o projeto surpreendeu, superando as expectativas da equipe que o idealizou. "Considerando o formato mínimo, um pianista e uma cantora, pode-se ver toda a diversidade da música popular brasileira representada ao longo deste ano. Cada show era completamente diferente do outro. Ainda que muitas canções tenham se repetido e que os repertórios se assemelhassem, o resultado no palco era completamente diferente a cada mês." Lígia destacou também o fato do projeto ter despertado o interesse pelo trabalho de artistas pouco conhecidos do grande público: "Penso que o projeto despertou o interesse pelo que não se conhece, algo que parecia ter sido perdido dentro da vida cultural. Normalmente, a gente vai assistir ao que já conhece bem ou que se tem referência, e pouco se aposta no desconhecido. O projeto conseguiu recuperar essa disponibilidade das pessoas virem para conhecer. Às vezes, sequer tinham ouvido falar no pianista ou na cantora que estaria se apresentando, mas a idéia do projeto fazia com que se sentissem interessadas pelo nome e pelo trabalho."

Para o próximo ano, a coordenadora, junto com a equipe da Difusão Cultural, prepara uma nova série, desta vez dedicada à música instrumental brasileira. (Ánia Chala)



O encontro de duas gerações numa homenagem ao samba: Leandro Braga e Dona Ivone Lara

Posse de Diretores de Unidades

As Unidades Acadêmicas da UFRGS têm novas direções. Em solenidade coletiva realizada no dia 20 de dezembro, presidida pelo reitor José Carlos Ferraz Henemann, os dirigentes foram empossados. A nominata de professores/diretores fica estabelecida desta forma:

COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Diretor: Adalberto Breier

Vice-diretor: Moisés Pinto Marques

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (ESEF)

Diretor: Ricardo Demétrio e Souza Petersen

Vice-diretor: Luiz Fernando Ribeiro Moraes

ESCOLA DE ENFERMAGEM

Diretora: Liana Lautert

Vice-diretora: Eva Néri Rubim Pedro

ESCOLA DE ENGENHARIA

Diretor: Alberto Tamagna

Vice-diretor: Nilson Romeu Marcílio

ESCOLA TÉCNICA

Diretor: Marcelo Augusto Rauh Schmitt

Vice-diretor: Laura Vellinho Corso

FACULDADE DE AGRONOMIA

Diretor: Gilmar Arduino Bettio Marodin

Vice-diretor: Pedro Alberto Selbach

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Valdir José Morigi

Vice-diretor: Ricardo Schneiders da Silva

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretor: Gentil Corazza

Vice-diretor: Paulo Schmidt

FACULDADE DE DIREITO

Diretor: Sérgio José Porto

Vice-diretor: Manoel André da Rocha

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Diretora: Malvina de Amaral Dorneles

Vice-diretora: Leni Vieira Dornelles

FACULDADE DE FARMÁCIA

Diretor: Paulo Eduardo Mayorga Borges

Vice-diretor: José Ângelo Silveira Zuanazzi

FACULDADE DE ODONTOLOGIA

Diretor: Rui Vicente Oppermann

Vice-diretor: Pantelis Varvaki Rados

FACULDADE DE VETERINÁRIA

Diretor: Vladimir Pinheiro do Nascimento

Vice: Emerson Antonio Contesini

HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIAS

Diretor: Carlos Afonso de Castro Beck

Vice: Marcelo Meller Alievi

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE

Diretor: Aldo Bolten Lucion

Vice-diretor: Maria Cristina Faccioni Heuser

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: José Carlos Frantz

Vice-diretor: André Sampaio Mexias

INSTITUTO DE FÍSICA

Diretor: João Edgar Schmidt

Vice-diretor: Mariani Griselda Pastoriza

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)

Diretora: Celi Regina Jardim Pinto

Vice-diretor: César Augusto Barcellos Guazzelli

INSTITUTO DE LETRAS

Diretor: Arcanjo Pedro Briggmann

Vice-diretor: Rosália Angelita Neumann Garcia

INSTITUTO DE MATEMÁTICA

Diretor: Rudnei Dias da Cunha

Vice-diretor: Eduardo Henrique de Mattos Brietzke

INSTITUTO DE PESQUISAS HIDRÁULICAS (IPH)

Diretor: Luiz Fernando de Abreu Cybis

Vice-diretor: Luiz Emílio de Sá Brito de Almeida

Novos cursos de pós-graduação na UFRGS

O Conselho Técnico e Científico da Capes aprovou seis novos cursos de pós-graduação da UFRGS. Dois deles, os da área de Ciências e Matemática, têm objetivos específicos de formação e qualificação de docentes para o ensino fundamental, médio e superior. E um deles, o de Ciência e Tecnologia de Alimentos, inaugura essa área do conhecimento na Pós-graduação da UFRGS. A seguir, a relação de atividades aprovadas:

● Programa de Pós-graduação em Ensino de Matemática, mestrado profissionalizante, do Instituto de Matemática.

● Programa de Pós-graduação em Ciências: Química da Vida e Saúde, mestrado acadêmico, do Instituto de Ciências Básicas da Saúde.

● Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos, mestrado acadêmico, do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos, o primeiro curso nesta área na UFRGS.

● Programa de Pós-graduação em Microbiologia Agrícola e do Ambiente, implantação do nível de doutorado, da Faculdade de Agronomia.

● Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais, implantação da modalidade de mestrado profissionalizante, do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais, da Escola de Engenharia.

● Engenharia de Produção, implantação da modalidade de mestrado profissionalizante, do Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, da Escola de Engenharia.

Jorge Luiz Day Barreto e suas paixões

●ADEMAR VARGAS DE FREITAS

Jornalista

Se a conversa for sobre coisas que ele ama, vá devagar, não puxe muito pela emoção, ele é capaz de chorar. Barreto é assim, 1,92m de altura, 103 quilos de paixão. Não é de admirar que tenha tanto sucesso naquilo que se propõe a fazer, seja no esporte, na administração do Colégio de Aplicação ou na relação com as mulheres.

Porte de atleta, coração de menino, Jorge Luiz Day Barreto gosta muito de conversar, especialmente se o tema for esporte ou UFRGS, duas das paixões de sua vida. Ele nasceu no dia 21 de março de 1951, na Beneficência Portuguesa, em Porto Alegre, e cresceu cercado de carinho e cuidados: era o primeiro filho do casal Januário Luiz Barreto e Lilian Mary Day Barreto e o primeiro neto de Fausta e Alfredo John Day. Em seguida, a alegria da casa iria se multiplicar com a chegada de Branca Regina; depois viria Angela Beatriz; mais tarde, Sérgio Felipe; e, por fim, os gêmeos Alfredo e Martha.

Nessa época, os Barreto moravam na Rua General Vitorino, no centro da cidade, onde o primogênito viveu até os cinco anos de idade, quando mudou para a casa dos avós. Essa mudança foi determinada por um acontecimento que deixou a família em polvorosa. Certo dia, o avô tinha prometido buscar o menino na escola, mas não foi, esqueceu. E o menino, em vez de esperar pelo pai como de costume, resolveu deixar a escola e caminhar sozinho até a casa dos avós, no Menino Deus, seguindo o trajeto do ônibus verde que passava pelo bairro (Linha 78, Praça Antônio João). Desde esse dia, os pais permitiram que ficasse morando com os avós.

No Menino Deus, ele passou boa parte da infância e da adolescência. Morava na rua Antenor Lemos, próximo ao Estádio dos Eucaliptos. Apesar disso, tornou-se gremista (o avô era conselheiro do Grêmio). Suas brincadeiras preferidas eram andar de bicicleta e jogar futebol na Praia de Belas formada pelo aterro da margem do Guaíba, que ainda era balneável.

VIDA MANSÁ

A avó Fausta costumava levá-lo para a campanha nas férias, a visitar o bisavô, dono da Estância Nossa Senhora do Loreto, no município de São Vicente do Sul, que então se chamava General Vargas. "A fazenda era muito grande. Diziam até que poderíamos andar a trote por três dias sem chegar ao limite dos campos do velho Dario Cáceres."

Na campanha, aprendeu a cavalgar, a campear, a participar dos rodeios, a banhar o gado e a cuidar das bicheiras das ovelhas. Além disso, pescava nos açudes, caçava capincho junto com a peonada e ia nadar no Rio Jaguari, onde uma vez ajudou a capturar um jacaré. Mais tarde, passou a alternar a ida ao campo com a ida ao litoral (a avó tinha um apartamento em Capão da Canoa).

Com os avós, ele levava uma vida mansa, tanto do ponto de vista material, quanto em carinho e apoio psicológico. Estudava no Colégio Anchieta e tinha do bom e do melhor. Só voltou para a casa dos pais porque andava malandreado um pouco no estudo. "Quem pratica esporte sabe dos valores que ele nos traz: força, vontade, responsabilidade. Mas, aos 13 anos, eu não tinha bem claro esses valores."

Os pais e os irmãos já estavam morando

numa casa ampla na Rua Alves Torres, em Teresópolis. Para Barreto a mudança foi completa, pois deixou o Colégio Anchieta e passou a estudar no Cruzeiro do Sul, onde teve início sua trajetória esportiva. O colégio promovia uma olimpíada entre os partidos (grupos) Ouro, Azul, Branco e Rubro, e ele começou a tomar gosto pela educação física. Resultado: ganhou três rústicas seguidas.

Foi quando seu professor de Física e Matemática, Isaac Zieglemann, que também era técnico do time de vôlei, o convidou para jogar. Barreto tinha 16 anos e não sabia nada de vôlei, mas aos 17 já pegou a primeira seleção gaúcha juvenil.

BIOTÔNICO FONTOURA

Dos 15 aos 17 anos, Barreto cresceu 20 centímetros: de 1,60m passou para 1,80m. Aos 23 anos, já tinha atingido a altura atual, 1,92m. "Acho que esse crescimento veio em consequência de alguma disfunção, pois nessa época tive problemas de saúde, enfraquecimento das paredes do fígado, enfraquecimento das articulações. Me curei abaixo de Biotônico Fontoura, Viscineral, Iofoscal e Emulsão de Scott."

O porte e a agilidade de atleta abriram para ele outra carreira promissora, que abandonou em seguida. Aos 23 anos Barreto era saúde e modelo fotográfico, contratado pela Agência Publiar. Fazia fotos e desfilava, entregando roupas da Tevah, do Renner e da Petenatti, especialmente ternos e camisas.

Mas antes disso, em 1971, fez vestibular para Engenharia na UFRGS. Não passou. No ano seguinte, resolveu diversificar, ouvindo os conselhos de um amigo do peito, que já fazia Educação Física, Osvaldo Sudbrack, atualmente professor no Aplicação. Ao se inscrever para o vestibular da UFRGS, colocou Agronomia como primeira opção e Educação Física como segunda opção. Também fez vestibular para Educação Física no IPA.

Esperava cursar duas faculdades ao mesmo tempo, mas só se classificou para Educação Física, no IPA e na UFRGS. Preferiu a ESEF, onde fez grandes amigos, que mantém até hoje. Foi lá também que conheceu Ana Cristina, a mãe de seus filhos.

"Tenho dois filhos maravilhosos, com os quais mantenho um relacionamento muito intenso, são meus amigos. Fernanda (25 anos) estudou no Aplicação e está se formando em Relações Públicas na PUC. Marcelo (22 anos) jogou no time de vôlei da Ubra, integrou a seleção brasileira juvenil de vôlei e é jogador profissional há seis anos. Atualmente, joga em Portugal, na equipe do Castelo da Maia, campeã portuguesa."

Barreto se emociona ao dizer que o filho seguiu sua carreira, mas não esconde a paixão com que viu o início e o fim do interesse de Fernanda pelo vôlei. "Quando tinha 12 anos, ela já jogava como adulta. Só que, aos 13 ou 14 anos, ficou muito bonita e começou a perder o entusiasmo pelos treinos. Preferia ir a festas, e eu não insisti com ela."

a natureza e com as atividades de tear.

Barreto diz que não sabe se nasceu para ser casado. Antes de casar e depois de separar-se, teve outras namoradas, que considera pessoas importantes na sua vida, mesmo que alguns relacionamentos fossem de pouca duração. Mas sempre se uniu a pessoas inteligentes que, de alguma forma, o ajudaram a crescer e viver paixões intensas.

Analisando sua atitude em relação às mulheres, ele vê em si uma certa desorganização sentimental, acha que é bipolar nas relações amorosas. "Quando a gente sente segurança na conquista, aquilo já não é mais o objetivo, o mobilizador." Mas sente alguma frustração com esta postura e lembra da letra de uma canção do poeta Vinícius de Moraes que dizia: "ter várias mulheres é fácil, mas para ter uma só é preciso ter peito de remador." Ao que parece, ele já aderiu a esse esporte: há três anos namora a professora de inglês Rosana Queiroz.

A paixão pelo Aplicação

Formado pela ESEF em julho de 1975, Barreto ingressou como professor de Educação Física no Colégio de Aplicação no dia 1º de janeiro de 1976. Era apenas para fazer um ano de estágio, a convite da professora Yula Hervé, diretora da Faculdade de Educação (Faced), mas acabou ficando. Em março de 1977 também começou a dar aulas na Escola Técnica. "Lecionar no Aplicação era uma das minhas grandes paixões. No Colégio, conheci a grande e emérita professora Graciema Pacheco, minha maior inspiração como educador. Sua simplicidade e o relacionamento que estabelecemos me deram armas para me constituir em um verdadeiro professor."

Já fazia sete anos que lecionava Educação Física no Aplicação, quando concorreu pela primeira vez à eleição para diretor, em 1984. Confiava na facilidade que sempre teve em se relacionar e na crença de que a função do diretor é facilitar o trabalho no cotidiano escolar. Assim, ganhou as quatro eleições a que concorreu. A primeira foi a mais emocionante para ele. Só que não levou. Embora tivesse feito votação maciça entre os alunos (de 460 votos, recebeu 440), o reitor preferiu a segunda opção da lista tríplice.

Mas em 16 anos, foi diretor do Colégio de Aplicação durante 12. Claro que o salário de diretor também influiu na sua vontade de dirigir o Colégio, mas não foi a única coisa que o moveu. "Me moveu principalmente a confiança que expressavam em alguém que acreditava em coisas além do academicismo, em alguém que acreditava no valor das pessoas, desde o servidor mais simples até o reitor." Ele também foi presidente do Conselho Nacional de Diretores dos Colégios de Aplicação, fórum que faz a vinculação das 16 escolas de educação básica vinculadas às Universidades Federais com o MEC. Ficou no cargo durante três mandatos, num total de seis anos.

PROJETO

Barreto diz que recebeu o Projeto Amora como uma herança. Esse projeto, destaca nacional em termos de educação, já havia sido implantado no Aplicação quando ele retornou à direção do Colégio, em 1997. "Sempre dei apoio ao Projeto Amora, como a tantos outros que existem na escola. Acho que faltam algumas coisas, como uma maior sistematização nos fundamentos das disciplinas, e entendo que devemos aprofundar sua avaliação com vistas a sua real executabilidade na verticalidade do ensino."

A paixão pelo esporte

Avida de Barreto pendeu para o esporte o tempo todo. Se não chegou a ser um atleta reconhecido nacionalmente, esteve entre os 44 melhores atletas do Comitê Olímpico Brasileiro em 1977. Começou praticando judô na Academia Loanzi, que ficava na Rua Riachuelo quase esquina com a Caldas Júnior.

Nos dois anos em que se dedicou ao judô, foi campeão estadual por equipe e vice-campeão estadual individual. "Mas quando entrei para o Colégio Cruzeiro do Sul foi que os esportes tomaram conta de mim: eu corria, saltava, jogava futebol, vôlei, basquete e até participei de competições de natação no Teresópolis Tênis Clube."

Levado a jogar vôlei no Grêmio Náutico União, Barreto, que já havia treinado por algum tempo na Sogipa, acabou elegendo esse esporte como seu objeto de treinamento e o praticou durante 15 anos – jogou também no Grêmio Náutico Gaúcho, na Associação Cristã de Moços e no Grêmio Football Porto-alegrense. Durante 10 anos, foi atleta da seleção gaúcha, tendo participado em diversas competições nacionais. Essa atuação o estimulou a cursar Educação Física, o que o levou a participar da seleção universitária gaúcha durante uma década.

A paixão pelo vôlei, não o impediu de praticar e competir em outros esportes, como o atletismo. Aos 24 anos, foi recordista gaúcho de salto em altura na categoria estreantes, pela Sogipa, saltando 1 metro e 85 centímetros. Mas foi o vôlei que o levou a ser campeão gaú-

cho pelo União, e a chegar em terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de Seleções Universitárias, como técnico. A última equipe em que jogou como atleta foi a formada pela construtora Edel, onde começou sua carreira de treinador.

Ao mesmo tempo em que dava aula de Educação Física no Colégio de Aplicação, Barreto exercia a função de técnico. Ficou sete anos nessa função. Além do time da Edel, treinou o time do Grêmio, o time da Sogipa e até uma equipe resultante de um convênio entre o Grêmio e a PUC, além de várias seleções universitárias masculinas e femininas. Até hoje, ele milita nesse esporte. "Continuo sendo um atleta na minha faixa etária. Atualmente jgo vôlei no Grêmio Náutico União, tendo disputado vários campeonatos brasileiros (Saqueama, Santos). Mas também joga por outras equipes, como o Clube Paulistano, campeão de 2004."

Se é muito o que já fez, espera fazer mais ainda. "Tenho grandes perspectivas de disputar um título mundial: o União está formando um time para participar do Campeonato Mundial Master, no ano que vem, em Edmonton, Canadá." Mas ele não pensa só em conquistas: "No esporte, o melhor de tudo são os amigos, é o grupo. Sempre gostei de trabalhar em grupo, tanto é que, quando bati o recorde estadual estreado de salto em altura, pela Sogipa, em 1974, todos me diziam que eu devia continuar nessa modalidade, mas eu não quis, porque era um esporte individual. O vôlei sempre foi e sempre será a minha grande paixão."

FOTOS RICARDO DE ANDRADE



"Minha trajetória foi marcada pelo afeto e pela paixão. Sempre dirigi o Colégio mais com o coração, o que pode até ter gerado algumas impropriedades"

OLHODETIGRE

"Quando a gente quer alguma coisa, isto tem que ser percebido pelos outros. E o olho tem que brilhar na hora em que dissermos que queremos aquela coisa. Foi isso que aconteceu comigo quando eu disse que queria ser diretor do Colégio de Aplicação. Era isso que eu dizia ao meus atletas quando dirigia equipes de vôlei, incentivando para a luta que levaria à vitória. O olho tem que brilhar quando se fala do próximo embate, como o olho de um tigre brilha diante da presa que está prestes a atacar."

ESCRITONAS ESTRELAS

"Quando falo da UFRGS, me emociono, fico contente em saber que existe, dentro da Universidade, o reconhecimento pelo nosso trabalho. E tenho certeza de que era mesmo para eu vir para esta universidade e lecionar no Colégio de Aplicação. Isso não aconteceu por acaso. Na vida da gente, as coisas não acontecem por acaso. Tudo está escrito nas estrelas."

BEMNUTRIDO

"Tive uma infância tranqüila e sadia, e uma juventude dedicada ao esporte e ao namoro. Sabe quando é que comecei a tomar cerveja? Depois dos 30 anos de idade. E apenas socialmente. Prefiro vinho branco *demi-sèc*. Mas gosto de uma boa picanha e da comida italiana. Sobre remessa morangos com nata e muito sorvete. Me alimento muito bem, às vezes até exageradamente: tenho 1,92m de altura e peso uns 103 quilos. Até março quero estar com uns 97 quilos, por aí."

DROGASÃO

"Nunca fui voltado para nenhum tipo de droga, nem as lícitas nem as ilícitas. No meu tempo, não havia acesso fácil à maconha e a nenhum tipo de droga. E mesmo que tivesse acesso à maconha eu não usaria igual, porque o meu objetivo era a saúde, a performance, meu objetivo era ser um atleta. Lança-perfume quase não aparecia, só se via lança-perfume nos bailes de carnaval da Sociedade dos Amigos de Capão da Canoa. Cigarro, posso dizer que nunca fumei. Só de vez em quando, na adolescência, pra fazer pose."

UM CARA ROMÂNTICO

"Sou um cara extremamente romântico: gosto de letras melosas e de melodias lentas e calmas, baladas. Gosto muito de MPB desde os seus primórdios, Carlinhos Lyra, Vinícius de Moraes. Também aprecio Caetano, Rita Lee e Milton Nascimento. Mas também sou fã de Eric Clapton, Santana e Paul McCartney. Já curti muito os Beatles. Envio flores e gosto muito de escrever, inclusive, poemas."

EM CIMA DA MESA

"Vou ao cinema, no mínimo, duas vezes por semana. Meus filmes preferidos são *Sociedade dos Poetas Mortos*, *Clube do Imperador* e *Lendas da Paixão*. *Sociedade dos Poetas Mortos* me marcou muito. A passagem que mais me chama a atenção é aquela em que o professor sobe na classe e manda que os alunos façam o mesmo. Era um momento de rebeldia (transgressão) e de revolta contra o sistema. Acho que os nossos alunos são muito amordaçados, ainda."

ABAIXO ADITADURA

"Até os 17 anos, eu ia pra rua afrontar a ditadura, jogar bola de gude no asfalto para derrubar os cavalos dos brigadianos. No entanto, esta rebeldia foi aos poucos passando, entrei para a Universidade e, durante algum tempo, me tornei um cara quase alienado em relação à política. Tinha uma vida bastante fácil: algum dinheiro, carro, muitas amizades para as festas, e tudo o mais começou a ser esquecido. A constatação ficou no passado. Depois casei, tinha meu apartamento, meus filhos, tudo bonitinho. Então, a minha geração calou a boca. Acho que o país perdeu muito com isso. Temos uma dívida para com as gerações que vieram depois."

ALÉM DA BOLA

"Depois de 20 anos, se começa a enxergar melhor as coisas, mas até pegar o ritmo para lutar a gente já envelheceu. Eu só fui aceitar o Partido dos Trabalhadores há uns 12 anos. Achava que o PT era um bando de desordeiros e que tinham o objetivo de desestabilizar a 'ordem' eleita por mim como a necessária para o país. Hoje, enxergo um pouco além da bola de vôlei. E a Universidade foi importante para que eu me tornasse efetivamente um ser político: fui presidente do Conselho de Representantes da Adurgs, participei de comandos de greve e até de passeatas de protesto em Porto Alegre e Brasília."

RELAÇÕES PESSOAIS

"Não creio que tenha algum inimigo e não sinto animosidade contra ninguém. Nestes 30 anos de UFRGS, devo ter entrado em conflito com algumas pessoas, até mesmo com um reitor, mas foram fatos pontuais que só me ajudaram a crescer como pessoa. Os desentendimentos sempre foram seguidos de ótimas reconciliações, e o que hoje sinto é um sentimento de agradecimento a todos, inclusive ao reitor citado, que mesmo tendo a possibilidade de me afastar da UFRGS, não o fez."

ESPORTE RADICAL

"Leio bastante. No momento estou lendo o livro *Semente para a Vitória*, de Nuno Cobra, que foi *personal trainer* de Ayrton Senna. No mais, gosto de jogar vôlei, de bater papo com os amigos e de viajar muito. Meus locais preferidos são a praia no verão e serra no inverno. E para mexer com a adrenalina, um esporte coletivo radical: *rafting*, ou seja, descer corredeiras de rios em botes de borracha."



"Eu sempre quis ser professor do Aplicação"